

REVISTA **Bzzz**



ANO 5 | Nº 63 | SETEMBRO DE 2018 | R\$ 12,00

MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA

Casarão da época da invasão de Lampião resiste ao tempo em Mossoró

O ARQUITETO DE NATAL

A história de João Maurício, responsável por importantes obras no RN

DELICIOSA CASA

O gastrolar de Haroldo Varela, profissional referência da gastronomia potiguar

EM EXTINÇÃO

Profissões que desapareceram e as que resistem

LEMBRAM DELE?

POTIGUAR VENCEDOR DA 3ª EDIÇÃO DO REALITY SHOW NO LIMITE, DA REDE GLOBO, EM 2001, O HOJE TENENTE-CORONEL RODRIGO TRIGUEIRO DEIXOU O BIGODE CRESCER E MUDOU COMPLETAMENTE A APARÊNCIA DO TEMPO EM QUE FOI CELEBRIDADE NACIONAL. NA CONVERSA COM O JORNALISTA LEONARDO DANTAS, CONTA TAMBÉM CURIOSIDADES DO DIA EM QUE FOI CHAMADO PARA NEGOCIAR COM SEQUESTRADORES POR CAUSA DA FAMA



EM RUÍNAS

A Samaritana, prédio de estilo francês que sucumbe na Ribeira

Você merece um
cuidado master.

Escolha Unimed Natal Select.

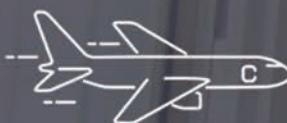
Com o Unimed Natal Select, você conta com uma cobertura diferenciada, acomodação exclusiva em apartamento e nos melhores centros médicos do Brasil, como o Hospital Sírio Libanês, Real Hospital Português, Hospital Alemão Oswaldo Cruz, Hospital Nove de Julho e muito mais.



Concierge



SOS Unimed



Aeromédica

Linha **Select**

Ligue:
(84) 3220.6200

CUIDAR DE VOCÊ. ESSE É O PLANO.

Unimed 
Natal



Tudo passa ou se transforma

Tudo passa como conhecemos agora. E se não passa se transforma. Da fama às profissões. De tendência a ultrapassado. E seguimos dando “respostas ao tempo”, numa disputa de forças tal qual na música de Aldair Blanc eternizada pela voz de Nana Caymmi. Ele, o tempo, bate à porta e a gente busca argumentos para não encarar a seco os caminhos que ele apaga. Se uma palavra pode dar o tom desta edição, ela é tempo, bem acompanhado da sua efemeridade.

O tempo da fama e o que do tempo se fez está na capa e no recheio da reportagem com o hoje tenente-coronel Rodrigo Trigueiro, que ficou conhecido no Brasil inteiro ao participar (e vencer) do reality show No Limite, da Rede Globo. Entre motos, calma, maciota e um bigode digno de cinema, o “capitão” segue a carreira na polícia, sonha viajar o mundo de moto, cuida de cachorro, tem filhas, investiu o dinheiro que ganhou e relembra o tempo de celebridade em Natal.

O tempo da nossa memória e patrimônio tão subestimados. Construções que fazem a história potiguar estão distantes do tratamento que merecem. E vamos ver e pensar nisso em algumas das matérias desta edição. Tempo que também aparece na extinção e na transformação de profissões ao longo dos anos, entre reinvenções e virações mil.

Todo tempo e que assim sempre seja, por estas páginas passam o melhor do Rio Grande do Norte e de quem faz esse estado, da moda à gastronomia, da arquitetura ao turismo, das suas ruas à sua gente. Temos muito orgulho de contar essas histórias! Vamos à leitura?

Aproveite a leitura!

Alice Lima
editora-assistente



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaabelhinha.com.br

 @revistabzzz
 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS
revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99109 9678

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ANA CAROLINE CARVALHO, LEONARDO DANTAS,
MARINA GURGEL, OCTÁVIO SANTIAGO,
PATRÍCIA CARVALHO, RAFAEL BARBOSA,
VÂNIA MARINHO, WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA
CÍCERO OLIVEIRA

FOTOS
ANA CAROLINE CARVALHO, CÍCERO OLIVEIRA,
DEMIS ROUSSOS, IVAN RUSSO, JOÃO NETO,
OCTÁVIO SANTIAGO, PATRÍCIA CARVALHO,
PAULO LIMA, RAFAEL BARBOSA

GRÁFICA
IMPRESSÃO

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES



UMA OBRA POR SEMANA. MAIS ORGULHO A CADA DIA.

Em São Gonçalo, a prefeitura está inaugurando #UmaObraPorSemana, seguindo o cronograma de ações e benfeitorias de uma gestão comprometida e eficaz. Desde setembro de 2017, novas creches, unidades de saúde, reformas e ampliações de escolas, novas quadras de esportes e muitas pavimentações vêm sendo entregues à população.



**SÃO GONÇALO
DO AMARANTE**
LUGAR DE FÉ, CULTURA E OPORTUNIDADE

WWW.SAOGONCALO.RN.GOV.BR

 [PREFEITURADESAOGONCALODOAMARANTERN](https://www.facebook.com/PREFEITURADESAOGONCALODOAMARANTERN)

 [PREFSGARN](https://www.instagram.com/PREFSGARN)



PREFEITURA DE
**SÃO GONÇALO
DO AMARANTE - RN**



8 | As Lisboetas

Novas dicas de Eliana Lima para quem quer morar, estudar e visitar Portugal

36 | Eu Voltaria

Casais de Natal e Brasília revelam lugares fantásticos para rever em viagens

58 | Moda combina com Inclusão

Vânia Marinho apresenta a estilista potiguar Igua Telita, que se destaca com trabalhos para o cinema e que foi a 2ª colocada no Concurso Internacional de Moda Inclusiva

64 | Criatividade na Arquitetura

No editorial do arquiteto Wellington Fernandes, a tendência de construções que surpreendem pela forma e chegam até a ser pontos turísticos

70 | Coluna de Turismo

Octávio Santiago mostra a segunda etapa do guia Havana, de Cuba

74 | Artigo

Por que Portugal atrai cada vez mais brasileiros?, por Paulo Nunes, pós-graduado em Comércio Exterior e consultor imobiliário

HOSPITAL DO CORAÇÃO. O COMPLEXO DE IMAGEM MAIS MODERNO DO RN.



NOVO TOMÓGRAFO 128 CANAIS
+ RÁPIDO E PRECISO
RESULTADOS EM ATÉ 24H
EXAMES ATÉ AS 22H

O Hospital do Coração apresenta o Complexo de Imagem mais moderno do estado. Agora, você conta com um tomógrafo de 128 canais capaz de gerar imagens em alta definição com precisão milimétrica. Um equipamento mais rápido e preciso, com resultados em até 24h. Tudo isso com uma equipe especializada e a possibilidade de fazer seus exames até as 22h. Novo Complexo de Imagem HC. **Sua saúde ganhou uma nova opção.**



TOMOGRAFIA | RESSONÂNCIA | ULTRASSONOGRRAFIA | RAIOS-X

(84) 4009-2000  (84) 99602-0378
hospitaldocoracao.com.br

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.



ELIANA LIMA

elianalima@portaldabelhinha.com.br

ESTUDAR EM PORTUGAL

Portugal se transformou numa espécie de capital europeia dos estudantes. Muitos são os europeus que desembarcam por aqui para cursar licenciatura (o nível superior no Brasil), mestrado, doutorado, pós-doutorado etc. Muitos também, evidentemente, brasileiros. Algumas das instituições de ensino portuguesas são consideradas entre as melhores da Europa.

QUAIS

Mesmo públicas, as universidades cobram 'propina' (como são chamadas aqui as taxas de inscrição e matrícula). Em Lisboa, as mais respeitadas são a Universidade de Lisboa (pública), a Universidade Nova de Lisboa (pública) e a Universidade Católica Portuguesa (particular). Um currículo de uma dessas três vale muito na hora de apresentação para um emprego. Lisboa também conta com as universidades privadas de Lusófona, Lusíada, Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões, entre outras.

EM CONTA

Lisboa é um lugar BB para refeições – Bom e Barato. Mas a carestia torna praticamente inviável quando se trata de imóveis. Existem opções de boas universidades fora da capital portuguesa, onde a qualidade de vida é consideravelmente boa e onde se gasta menos para a sobrevivência. Têm as conceituadas Universidade de Aveiro (pública), Universidade de Coimbra (pública), Universidade do Minho, em Braga (pública), Universidade do Porto (pública), Universidade Fernando Pessoa, Porto, (privada), Universidade Lusófona do Porto (privada), Escola Superior Artística do Porto (privada), Escola Universitária Vasco da Gama, Coimbra (privada), entre outras.

DIFICULDADES

Universidades de Portugal são altamente conceituadas para o mercado de trabalho, porém, o País não oferece boas oportunidades de trabalho no quesito financeiro. Para se ter ideia, o salário mínimo de 2018 é de 580 euros.

COMPARAÇÃO

Mesmo assim, existem países europeus com o mínimo mais baixo, como Bulgária (184 euros), Roménia (218), Lituânia (300), República Checa (332), Hungria (333), Letônia (360), Eslováquia (380), Estônia (390), Croácia (396) e Polónia, com 410 euros.

Portugal fica um pouco atrás da Grécia (684 euros), Malta (720), Espanha (757) e Eslovênia (791).

OS PODEROSOS

Luxemburgo ostenta o salário mínimo mais alto da Europa, com 1922,96 euros. País de baixa inflação e baixo desemprego. Depois aparece a Bélgica, com 1559,38 euros. O Reino Unido é o terceiro, com 1509,30 euros. Mas, apesar da baixa taxa de desemprego, apresenta níveis de desigualdade social mais elevados. Quinta maior economia europeia e um dos dez países mais competitivos do mundo, a Holanda tem salário mínimo de 1501,80 euros. A Irlanda, que sofreu muito com a crise mundial de 2008, é de 1499,33 euros. E a poderosa Alemanha, vejam vocês, o salário mínimo, que passou a vigorar em 2015, é de 1473,33 euros. A França, que desde 2008 sofre problemas econômicos e sociais, é de 1457,52 euros.

CURTA

Por falar em Aveiro – que tem uma boa universidade pública -, a cidade é conhecida como a Veneza portuguesa, devido a sua ria (pequeno braço de rio propício à navegação), que é foz do Rio Vouga. Tudo começou no século XVI, quando o mar recuou e formaram-se cordões litorais que originaram uma laguna. É considerado um dos maiores e mais importantes acidentes geográficos da costa portuguesa. Lugar dos famosos “ovos moles” (doce típico da região).



E APRECIE

E por Aveiro passeia-se em barcos que imitam as famosas gôndolas venezianas, nos canais das águas da ria. Lugar também de boa culinária. Uma visita obrigatória é a Ílhavo, onde tem o único museu de bacalhaus vivos do mundo. Terra de bacalhoeiros, de onde embarcações saíam para pescar os famosos peixes na Noruega e na Islândia, lugar, dizem os portugueses, dos mais nobres bacalhaus. Lugar também de porcelanas, sede da famosa fábrica Vista Alegre. Também vai encontrar o Farol de Aveiro, mais alto do país, de onde se tem vista de 360 graus sobre o mar e a ria. São 271 graus em forma de caracol.

BELEZA E SABORES

Em Ílhavo também se encante com a Costa Nova, uma península conhecida pelas suas casas de madeira com listras coloridas, originalmente de pescadores. A rua beira-mar é repleta de restaurantes, mas optei por um fora do circuito turístico para almoçar. E fomos ao Peixe na Costa. Fantástico! Frutos do mar altamente frescos. Para entrada, mexilhões (adoodoo). Principal: Cataplana de mariscos (dos deuses). Sobremesa, Semifrio de abacaxi (uma coooisa). Para brindar, ótimo custo-benefício: espumante Colinas, da Bairrada.



EM TEMPO

Em Aveiro, o dono do Peixe na Costa tem o restaurante O Bairro. Tão especial quanto.

AVANTE

O empresário potiguar Nevaldo Rocha, fundador do Grupo Guararapes, parece ter dado passo importante para sua aposentadoria. Passou, oficialmente, o comando do grupo para o nome dos seus três filhos, Flávio, Liziane e Élvio. Para isso, teve que desembolsar R\$ 40,4 milhões em Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação de Quaisquer Bens ou Direitos, o tal do ITCD. Não parece ser muito para quem estava, em 2017, no ranking mundial de bilionários da revista Forbes, com fortuna estimada em US\$ 1,3 bilhão.

A passagem do grupo para os filhos tem, ainda, um significado maior, já que aconteceu semanas antes de o empresário completar 90 décadas de vida, no dia 21 de julho.



MOSSORÓ

Casarão da **resistência**



CONSTRUÇÃO DE ESTILO COLONIAL AO LADO DO PALÁCIO DA RESISTÊNCIA, ONDE ESTÁ A SEDE DA PREFEITURA, É PEDAÇO DA HISTÓRIA DA CIDADE E LUGAR DE RECORDAÇÕES

Por Marina Gurgel

Mossoró, cidade de rica história, que conta muito da própria cultura do Rio Grande do Norte. Lugar de resquícios, elementos, personagens e monumentos que trazem relatos de forte patrimônio cultural. Há na cidade povo que mantém viva sua trajetória e não permite que o tempo a leve embora.

Nas riquezas da história de Mossoró, alguns antigos casarões se destacam com aquilo que restou de arquitetura singular e que leva a uma viagem pelo tempo. O estilo colonial, por exemplo, é cheio de espaços que permitem conhecer muito do que foi a época em que foram construídos. Seus salões amplos serviam de palco para festas onde os grandes nomes da elite mossoroense estavam presentes, seus terraços aconchegantes, que eram locais de encontros de amigos para papear e trocar ideias sobre política, economia e um tanto mais de assuntos que cercavam a capital do Oeste potiguar.



Casarão é vizinho da atual Prefeitura da cidade

CASARÃO QUE FEZ PARTE DA RESISTÊNCIA A LAMPIÃO

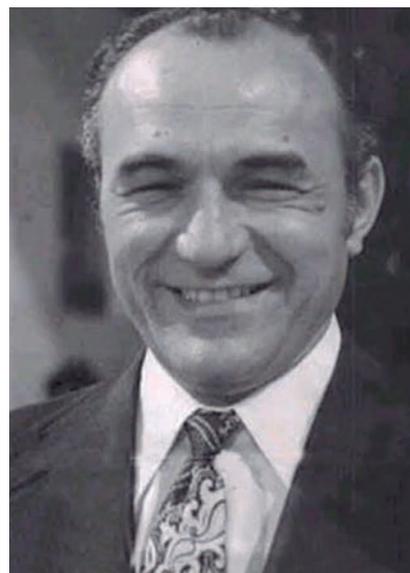
Entre as construções que resistem ao tempo, uma que, à época que foi construída pertencia ao irmão do famoso prefeito que comandou a resistência a Lampião, Rodolfo Fernandes, Alfredo Fernandes, se destaca. Em seguida, passou a ser posse da família Neo. O casarão localizado vizinho ao Palácio da Resistência, atual Prefeitura de Mossoró, guarda memórias das trajetórias política e cultural do ‘País de Mossoró’.

“O casarão e sua antiguidade representam grande marco para a cidade, pois foi local de muitas histórias e serviu de trincheira para a batalha da polícia contra Lampião, quando o cangaceiro invadiu a cidade”, como relata Alexandre Neo, neto de Antônio Ferreira Neo, que



Alexandre Neo, neto de Antônio Ferreira Neo

comprou a casa de Alfredo Fernandes. “Foram colocadas trincheiras na esquina, na calçada, teve gente em cima do telhado. Antes, a casa



Pai de Alexandre, Leodécio Neo foi criado no casarão e foi um dos herdeiros

tinha marca de balas, mas foram cobertas, e serviu muito de esconderijo durante o combate a Lampião”, complementa Alexandre.

Como a própria história de Mossoró, a construção é rica também em seu contexto político. O Casarão dos Neo foi grande responsável por contribuir com esse contexto, já que recebeu grandes personalidades políticas do estado e sediou importantes reuniões que, na certa, foram cruciais para tomadas de decisões consideráveis para a cidade, e até mesmo para o estado. “Quando Aluízio Alves [que foi governador do Estado] era vivo, sempre que ele vinha para Mossoró, vinha para reuniões na Casa Grande, como ele chamava. Tarcísio Maia [que também foi governador] também”, relembra Alexandre Neo. Outro aspecto interessante, que o neto relembra orgulhoso, era a tradição que o avô fazia questão de manter: todas as noites, reunia os amigos no terraço da frente para conversar.

O casarão é centenário, como reitera Alexandre, porém não é tombado. Ainda assim, é impossível negar o patrimônio histórico que representa para a cidade de Mossoró, principalmente ao visitar o local, que já serviu de inspiração para a produção do espetáculo “Chuva de balas no país de Mossoró”, na Capela de São Vicente, que relembra como se deu a expulsão de Lampião e seu bando pelos mossoroenses, no ano de 1927, sendo o casarão um dos cenários do acontecimento.

Com suas paredes grossas e altas e seus anteparos antigos, a casa possui 21 cômodos: um primeiro andar, que só pode ser notado ao adentrar o ambiente, um

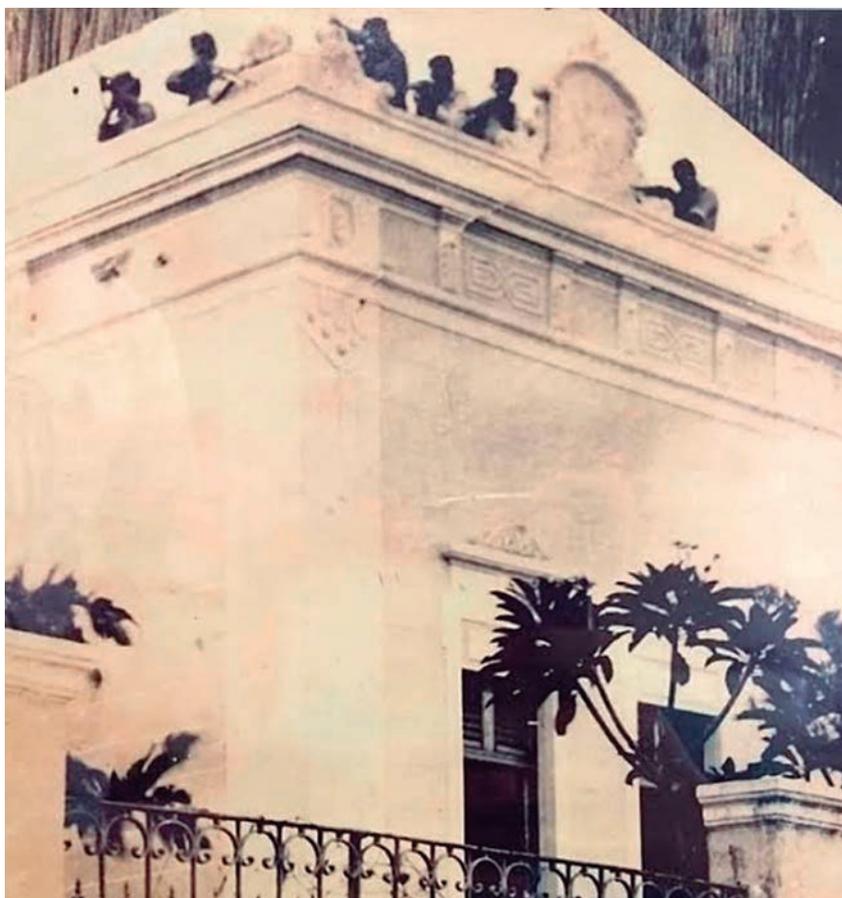
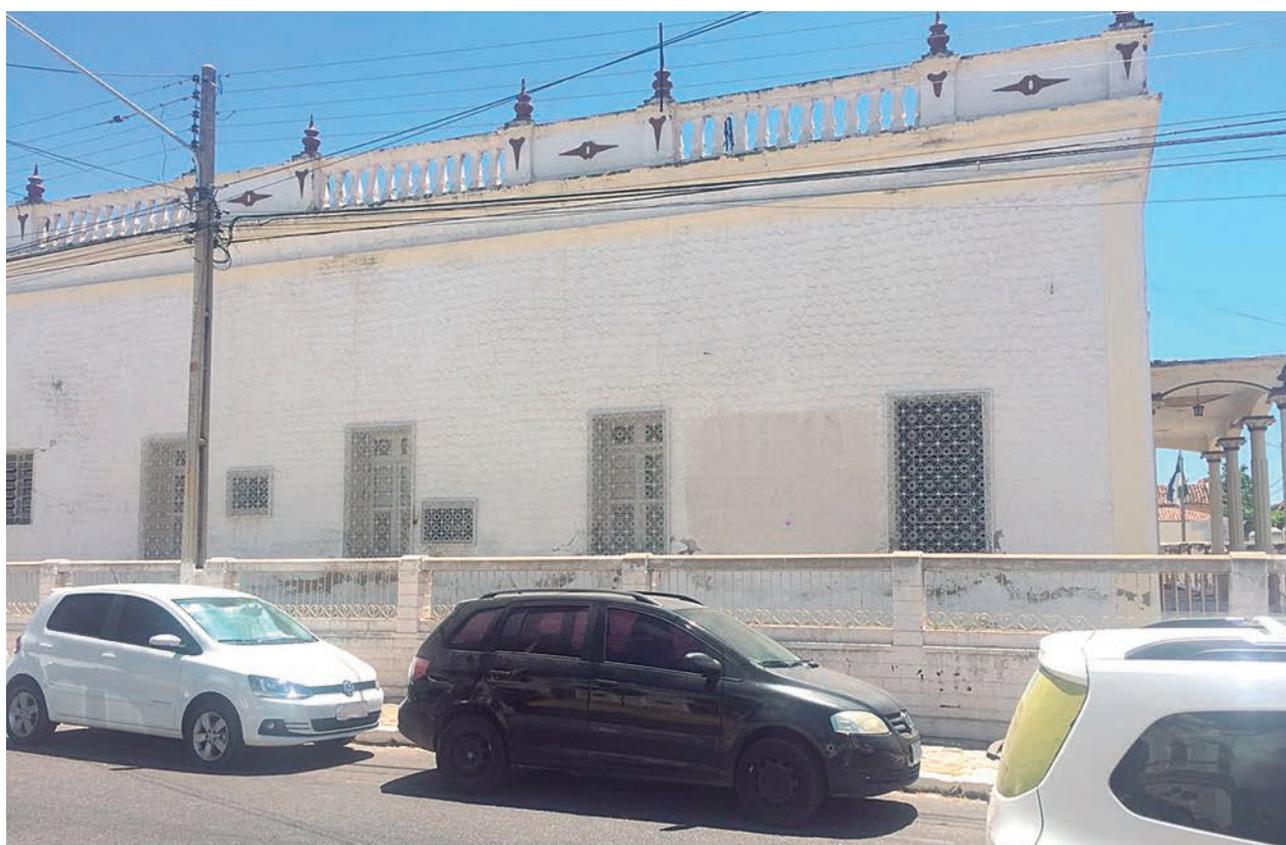


Foto que está no Museu Municipal mostra a trincheira na resistência ao bando de Lampião comandada pelo prefeito Rodolfo Fernandes, no dia 13 de junho de 1927

terraço e um sótão. Por sua grandeza e antiguidade, o casarão não nega ser de estilo colonial.

A casa já esteve a venda por um curto período, sendo que não está mais. Sem dúvida, existe uma ciência da grande representação que o local tem dentro contexto histórico-cultural da cidade de Mossoró. Independente do que venha a acontecer e quais rumos o casarão dos Neo tomar, na certa, levando-se em conta sua valorização para os mossoroenses, ele permanecerá de pé, pois sua força e seu marco são um dos principais motivos que devem ser levados em consideração ao mantê-lo erguido. Acima de

tudo, produz-se, através dessas palavras, um manifesto em favor de que se volte um olhar maior para essa casa, que é hoje, junto com outros monumentos ricos e esplendurosos, o retrato da grandiosidade barroca que nosso estado possui, e preservá-lo é, na certa, preservar a força histórica e cultural do nosso povo. Não deixar essa força morrer é manter vivo nossos antepassados que, acima de qualquer coisa, estão dentro de nós e fazem parte de nossas vidas mais do que qualquer outra coisa. O casarão dos Neo é um símbolo de que ainda acreditamos e temos o desejo de jamais ver as tradições morrerem.



FALTA DE PRESERVAÇÃO DE OUTROS CASARÕES

Apesar de ainda ter casarões como o que pertence à família Neo, a memória arquitetônica de Mossoró poderia ser muito mais preservada. Outras casas e prédios que marcaram profundamente a história da cidade não tiveram o privilégio da conservação. Esse cuidado chegou a ser pensado em décadas passadas, quando Mossoró tinha como prefeito Dix-Huit Rosado Maia, mas o plano não evoluiu.

Dix-Huit, preocupado com a

preservação da história de sua cidade e inspirado por uma viagem feita ao Rio de Janeiro, trouxe para Mossoró uma ideia de preservação de seus prédios históricos. Em entrevista à Revista Bzzz em 2016 sobre as construções antigas da cidade, o historiador Geraldo Maia analisou que o que mais dificulta a conservação é o fato de os prédios estarem localizados no centro da cidade, segundo ele, local muito valorizado sem que tenha uma lei que os proteja.



Geraldo Maia, historiador

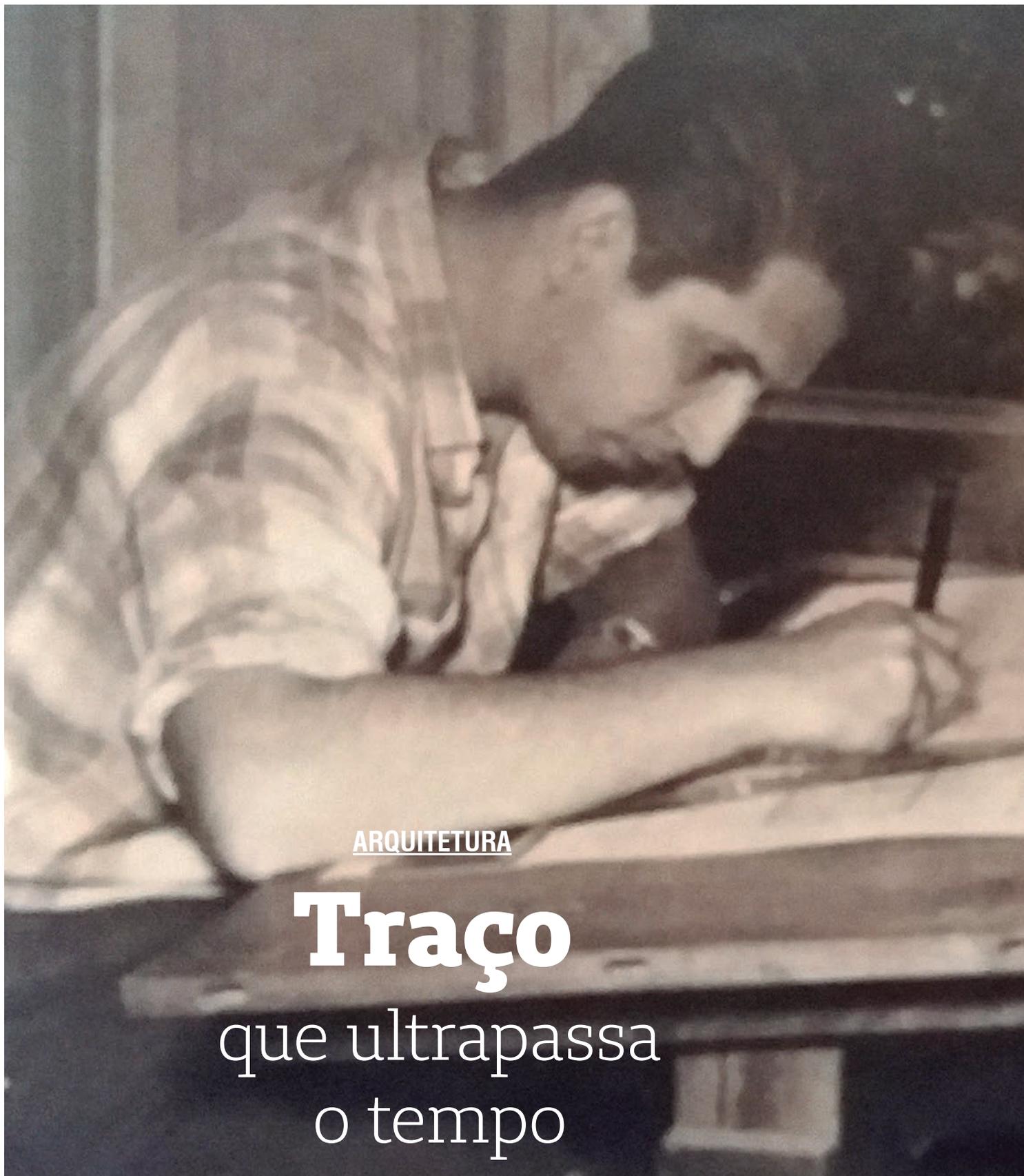


Grande Hotel foi demolido e construído novo prédio de lojas e escritórios



Cine PAX: o prédio mantém a estética e hoje funciona loja de departamentos

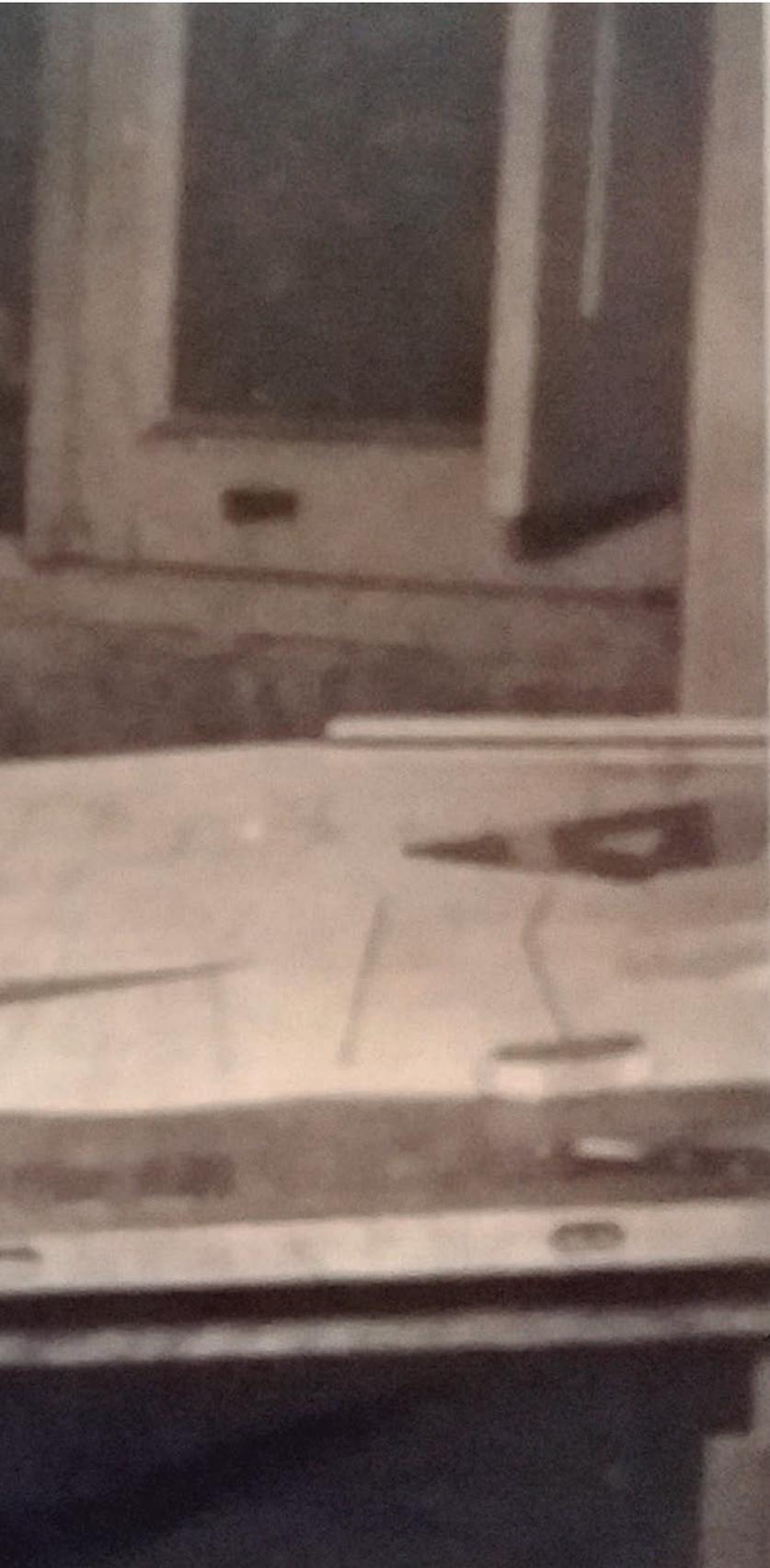




ARQUITETURA

Traço

que ultrapassa
o tempo



RESPONSÁVEL POR ALGUMAS DAS PRINCIPAIS OBRAS URBANAS DE NATAL, O ARQUITETO JOÃO MAURÍCIO DE MIRANDA CONTA A SUA HISTÓRIA

Por Ana Caroline Carvalho
Fotos: Arquivo Pessoal

Cada obra arquitetônica guarda em si um pedaço do seu criador, seja um prédio, seja uma residência, as curvas de cada construção contam história que pode ser pequena parte do que reconhecemos como nosso. Para o arquiteto João Maurício, aos 85 anos, andar pela cidade de Natal é re-visitar o passado. Responsável por grandes obras que moldam a paisagem da cidade, João é uma importante figura na história natalense que preserva algumas das suas obras mais importantes e negligencia outras que foram modificadas com o tempo.

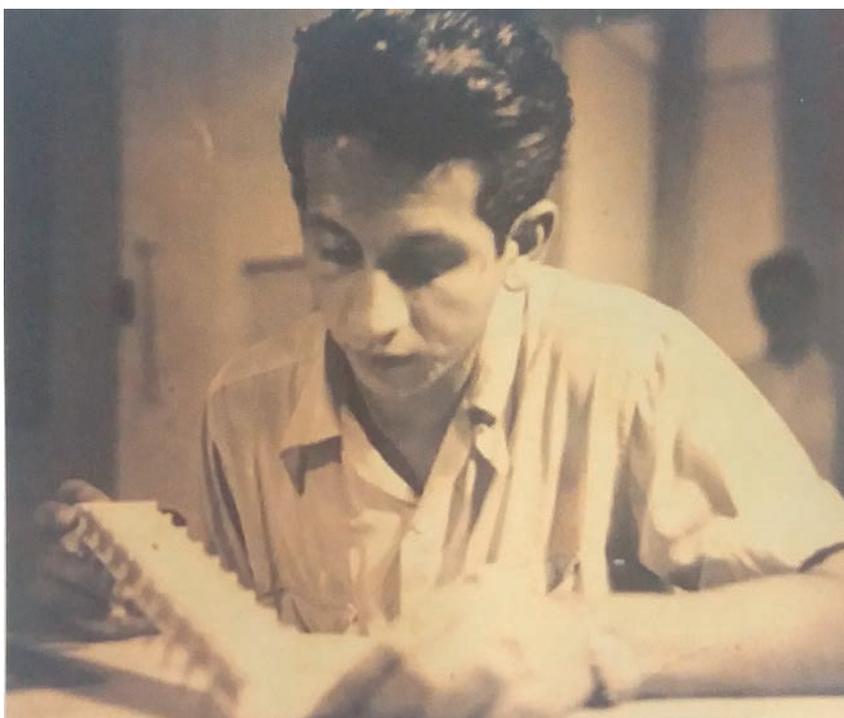
João Maurício Fernandes de Miranda cresceu na capital do Rio Grande do Norte e aos 18 anos, em 1953, foi mandado para o Rio de Janeiro para terminar o último ano da escola e prestar vestibular. “Quando saí de Natal para o Rio de Janeiro, fui com o objetivo de estudar Engenharia, pois aqui na cidade ninguém sabia o que era arquitetura.”

Ao chegar à cidade maravilhosa o então estudante do curso preparatório para engenharia teve o seu primeiro contato com o conceito de arquitetura. Ao andar nas ruas cariocas em busca de emprego, João Maurício se deparou com um estabelecimento com um nome familiar: Debussy Maquetes. “Ao ver aquela placa me recordei que em Natal conhecia irmãos do mesmo sobrenome, então entrei e pedi emprego”.

A experiência no novo emprego abriu as portas para que João Maurício se familiarizasse com a arquitetura. “Foi na oficina que me apaixonei pela arquitetura, lá tive contato com as maquetes que me encantaram e a partir daí comecei a conhecer a profissão de arquiteto e me apaixonei por esse mundo”, afirmou.

Ainda em 1953, João Maurício começa no seu segundo emprego, na empresa americana Byington & Cia, como desenhista de plantas e projetos de ar condicionado. Nesse momento, ele começa a ter contato com a rotina da profissão fazendo crescer ainda mais a sua paixão.

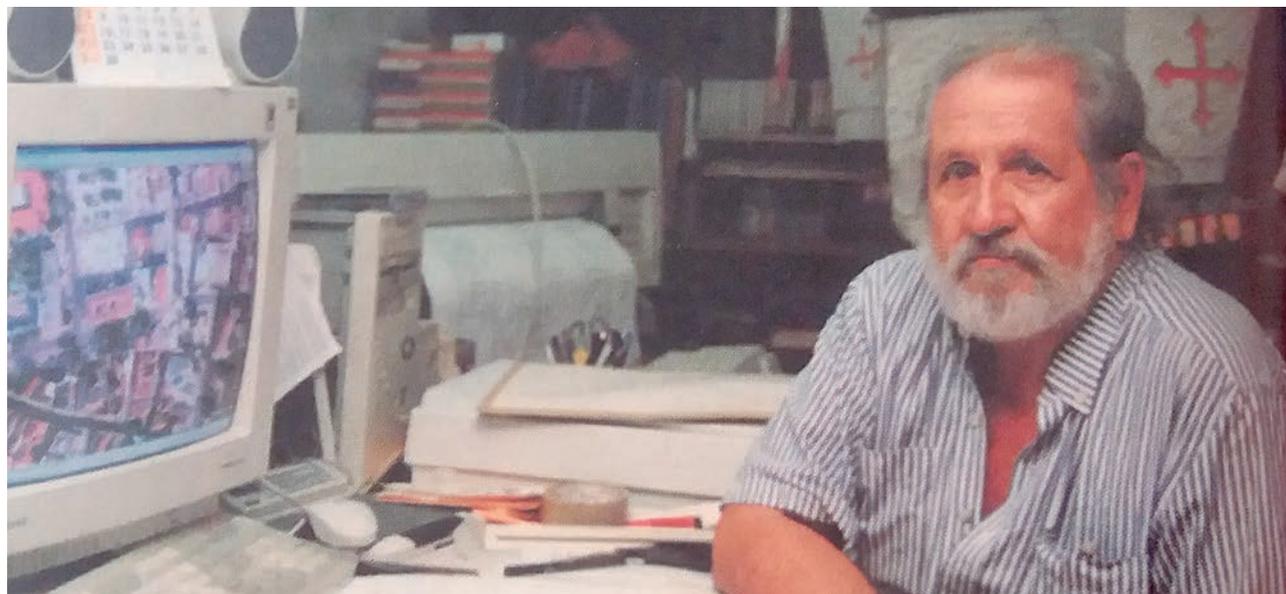
Em 1955, finalmente decide fazer o vestibular para arquitetura na Universidade do Brasil, concluindo o curso em 1961. Um ano após a sua formação, em 1962, foi convidado pelo governo de Aluízio Alves para voltar a Natal e colaborar com os novos projetos arquitetônicos da cidade. Durante a sua passa-



João Maurício na Debussy Maquetes

gem pelo governo foi um dos responsáveis pela restauração e tombamento do Sobradinho da Rua Conceição, onde hoje se localiza o Museu Café Filho. “O objetivo inicial do governo era construir uma

biblioteca naquela localidade. Ao chegar lá, identifiquei que tratava-se de um exemplar da arquitetura colonial, rara no nosso estado, então condenei o projeto e solicitei o tombamento”, relembra.



João Maurício Fernandes de Mirana, o arquiteto da Natal que conhecemos

ATUAÇÃO EM NATAL E CRIAÇÃO DO CURSO DE ARQUITETURA

A volta de João Maurício à cidade ajudou a impulsionar a sua carreira como arquiteto, resultando na criação da Planarq Arquitetos Associados, empresa composta por ele e pelos arquitetos Moacyr Gomes e Daniel Hollanda. Nesse momento, as primeiras obras de João começaram a ganhar vida. Inicialmente, se dedicou ao projeto de residências, que hoje se encontram demolidas ou alteradas por outros. Dentre os projetos mais importantes para Natal realizados por João Maurício através da Planarq estão o Edifício Barão do Rio Branco, edifício sede do Departamento Estadual de Estradas e Rodagens (DER), na Av. Salgado Filho, a agência da Caixa Econômica Federal na Ribeira e o Tribunal Regional Eleitoral (TRE), na Cidade Alta.



Planarq - João Maurício, Moacyr Gomes e Dainel Hollanda



Agência da Caixa Econômica Federal na Ribeira



Sede do TRE



Edifício Barão do Rio Branco

Em 1965, o arquiteto deu início à sua vida acadêmica através do ingresso como professor do curso de Engenharia da UFRN, cargo que ocupou até 1966. Anos depois, João Maurício viu no jornal que a universidade iria instituir o curso de arquitetura e resolveu se envolver no projeto mandando uma proposta de grade educacional e infraestrutura do curso, que foi criado em 1973, com base em cursos de renome ao redor do país. João Maurício, além de exercer o car-

go de diretor do curso, lecionou algumas disciplinas.

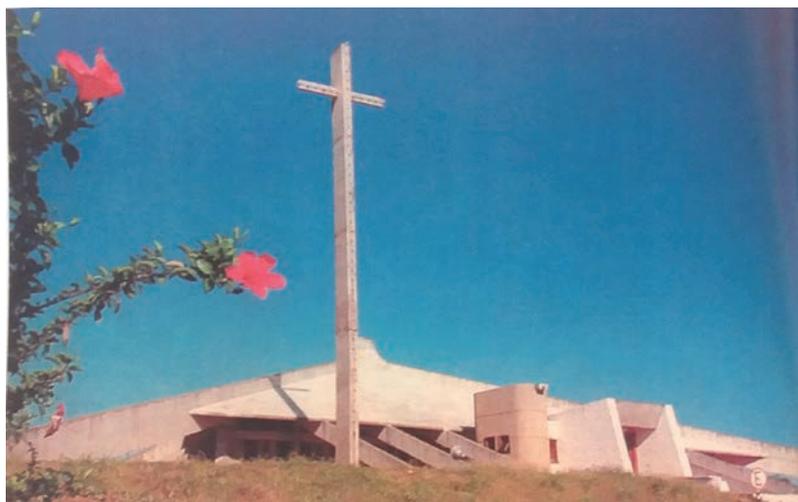
Além do legado educacional, o arquiteto também foi responsável por duas grandes obras da UFRN realizadas através de um concurso público: a capela do campus universitário e o marco localizado na entrada da universidade. João Maurício conta que “o formato da escultura foi pensado em três pessoas de braços dados: o aluno, o professor e a comunidade, e independente de onde você olha

o marco estará o formato da letra U de universidade”.

“A capela do campus é a minha obra preferida em termos de arquitetura. Ela tem uma estrutura arrojada e uma conotação local, me inspirei na simplicidade para construí-la. Queria um lugar onde as pessoas pudessem ver o que acontece ali de qualquer ângulo”. João Maurício também fez parte da Comissão de Planejamento e Execução do projeto do Campus Universitário – Procampus.



Marco da UFRN



Capela do Campus da UFRN



Reunião do Procampus

A ARQUITETURA DO FUTURO

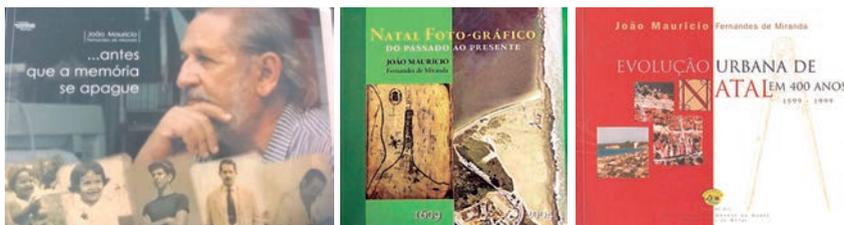
Para quem foi um dos grandes responsáveis pelo direcionamento arquitetônico que a cidade tomou durante anos, João Maurício vê a paisagem de prédios que toma conta da capital como um reflexo do momento vivido, “Já dizia Oscar Niemeyer: a arquitetura tem que criar emoção. O que vejo hoje nos prédios da cidade é um vazio, uma falta de emoção. É uma coisa comercializada que não leva em consideração a identidade”. O arquiteto ainda reconhece a falta de preservação dos prédios históricos e de um estilo que caracterize a cidade.

Com o objetivo de contribuir para o resgate histórico da arquitetura urbana de Natal, João Maurício lançou dois livros: “Evolução Urbana de Natal em 400 anos – De 1599 a 1999” e “Natal Foto-Gráfico do Passado ao Presente”. O primeiro mostra as principais construções da cidade partindo do ano de sua fundação, já o segundo faz uma comparação do antes e depois de prédios e construções importantes, concluindo que estamos apagando a memória com a falta de preservação e de conhecimento da importância desses lugares.

Quando questionado sobre qual caminho a arquitetura de Natal irá tomar daqui a 50 anos, João Maurício faz uma reflexão: “acredito que a arquitetura está relacionada com o momento político e econômico pelo qual a cidade passa. É um mistério como a arquitetura natalense estará daqui a



João Maurício



Livros de João Maurício sobre a arquitetura de Natal

50 anos. Estamos em um momento de indefinição, por isso vemos surgir na cidade construções voltadas apenas para consumo, sem vida e sem alma”.

A preservação é uma questão importante para o arquiteto que vê no desprezo pela conservação e recuperação urbana um caminho sem volta para criar uma cidade sem identidade. “A demolição do Machadão, por exemplo, foi uma grande perda para a cidade. Costumo dizer que ‘feliz é a cidade de Roma’ que reconhece o valor das suas obras arquitetônicas, as preserva e repassa a sua história para o mundo. Temos o Coliseu como exemplo, um anfiteatro que abrigou boa parte da história de Roma e que hoje encontra-se em ruínas, mas preservado. O Macha-

dão era uma parte importante da nossa história que foi arrancada de Natal sem ao menos considerar o seu valor. Se continuarmos a tratar nossas obras arquitetônicas dessa forma, em um futuro próximo não teremos como reconhecer a nossa identidade”, finalizou.

Sobre a preservação do seu legado, o arquiteto afirma que falta conhecimento quanto às leis que obrigam a preservação do projeto original de prédios públicos. “Me sinto tremendamente injustiçado quando vejo alguma obra minha modificada. É como se um músico tivesse a letra da sua canção modificada. É reconhecido por lei que o arquiteto responsável por uma obra pública seja consultado antes de realizar modificações, mas estão longe de respeitar”.

Foto: Jaeci



PRÉDIO

A Samaritana: uma vítima do descaso



DE PRÉDIO IMPONENTE A UMA RUÍNA CAINDO NO ESQUECIMENTO NO BAIRRO DA RIBEIRA

Por Ana Caroline Carvalho
Fotos: Ana Caroline Carvalho e arquivo

Andar pela Ribeira nos dias de hoje é testemunhar o descaso com a história e identidade da cidade de Natal. O bairro, que um dia já foi a principal área comercial da cidade, esconde em suas esquinas e ruelas locais que remetem a um tempo próspero, porém que possuem como atuais inquilinos o abandono. Ao chegar na Rua Dr. Barata, localizada próxima ao Beco da Quarentena, é possível identificar um prédio com arquitetura marcante, que se destoa do resto das lojas e comércios de linhas simples e banais, com uma fachada imponente onde se lê “A Samaritana”, e que apesar da negligência que o transforma em ruínas, ainda guarda ares respeitáveis.

É difícil não se encantar com a construção que apresenta um estilo arquitetônico que remonta ao período de uma época de ouro na cidade, a chamada Belle Époque potiguar, onde o chique era copiar a França. Segundo o historiador Anderson Tavares de Lyra, “não existe uma certeza de quem tenha sido o construtor do prédio, comumente se aceita como construtor um comerciante de origem libanesa de sobrenome Serquiz Elias”.

O historiador conta que os primeiros registros sobre o prédio remontam do ano de 1939 quando ele abrigou a loja de tecidos “A Samaritana”. Anderson Tavares de Lyra afirma que “o bairro da Ribeira, na época da construção do prédio

de A Samaritana, era o centro comercial de maior importância da Capital potiguar, no bairro encontravam-se sediadas as principais lojas, com destaque para a Paris em Natal, cinema, escola modelo, a mansão Villa Barreto (atual Co-

légio Salesiano São José), o banco do Natal, entre outras”.

O fechamento da loja de tecidos deu lugar a outros negócios no prédio. Nos anos 60, ele abrigou a Lojas Paulista de Alberto Lundgren e na parte superior, a

sala 5, “serviços de datilografia e mimeografia em estêncil em geral”. Posteriormente funcionou como pensão e no início dos anos 80 foi o local de um espaço cultural chamado “Café Frenezi”, do artista Arruda Sales.



Rua Dr. Barata

A SAMARITANA NO CENTRO DO COMÉRCIO POTIGUAR

A rua Dr. Barata, onde se localiza o prédio, foi uma das mais importantes para o comércio. Ainda no século XIX foi batizada de “Rua das Lojas”, época em que o local firmou-se como centro comercial. “Seu primeiro nome oficial foi Rua Correia Teles, uma homenagem a um militar do Assú, herói da Guerra do Paraguai. Em 1888, foi mudado para Rua Visconde do Uruguai, um antigo político do

império. Até que em 1900, a Intendência do Natal denominou-a de Rua Dr. Barata em homenagem a um dos heróis da independência, o médico Cipriano José Barata de Almeida, falecido em Natal no ano de 1833”, afirma o historiador Anderson Tavares de Lyra.

Durante a Segunda Guerra Mundial 1939-1945, a Rua Dr. Barata continuou com a sua vocação comercial em alta. Uma das ativi-

dades mais naturais e que diz da importância da rua naquele contexto eram as fotos que eram feitas de pessoas andando pela rua, em poses naturais. Segundo o escritor Júlio César de Andrade, na época da guerra o comércio cresceu ainda mais, sendo a Dr. Barata: o local de comércio chique da cidade. Lá funcionavam as principais casas da moda, por isso, era o lugar indicado para o ‘footing’.



Construção esquecida parece que vai desmoronar a qualquer momento





A TENTATIVA DE REVIVER A BELLE EPOQUE

No início dos anos 80, o artista Arruda Sales, que dá vida à personagem Danuza D'Salles se apaixonou pela construção. “O objetivo era abrir um café teatro, um proposta totalmente diferente dos bares e casas noturnas da época, foi quando surgiu o Frenesi”, lembra Arruda. Com clientela variada, o estabelecimento tinha como atração principal as peças teatrais encenadas dentro do casarão. “Interpretávamos sátiras de pessoas conhecidas na cidade, paródias e, inclusive, tivemos grandes nomes no palco do Frenesi, como Rogéria”.

Arruda Sales afirma que na época em que abriu o Frenesi Café Teatro queria fazer parte da revitalização da Ribeira, que já vinha sofrendo com o abandono naquela época. “Revitalizei o prédio para poder abrigar o café, ins-



talei portas de ipê, mas preservei a arquitetura original”, disse.

A falta de investimentos no bairro provocou o fechamento do Frenesi apenas 2 anos depois, em 1983. “A falta de estrutura

A falta de estrutura foi decisiva para tomar essa decisão, o Frenesi trouxe um novo ar à noite natalense, mas infelizmente não conseguiu resistir ao descaso do poder público com a Ribeira.

Arruda Sales

foi decisiva para tomar essa decisão, o Frenesi trouxe um novo ar à noite natalense, mas infelizmente não conseguiu resistir ao descaso do poder público com a Ribeira”, lamenta Arruda.

DESTINO INCERTO

Atualmente o prédio está sob os cuidados de Roberto Serquiz, dono da água mineral Santa Maria, e sua família. O empresário afirma que a construção está em inventário, por isso ainda não pôde dar um destino digno da sua história ao prédio d'A Samaritana. “Acredito que o prédio guarda uma parte da história da cidade, por isso penso em fazer

dele um espaço cultural que reúna artistas e estudiosos da cidade”, afirmou.

Roberto Serquiz reforça que a morosidade do processo de inventário pesa contra a preservação da construção, mas que está se esforçando para deixar a memória, tanto de sua família, quanto dos velhos tempos da Ribeira, viva.

O destino do prédio parece tomar o mesmo rumo do bairro da Ribeira. Quem passa pela construção não reconhece o valor histórico e pouco se interessa pela revitalização do quase “monumento”. A aparência marcante da construção parece ser a única resistente ao tempo que aos poucos apaga a história e faz de Natal uma cidade que arrisca seu passado.

POLICIAL E CELEBRIDADE

O capitão no limite





POLICIAL,
MOTOQUEIRO,
VENCEDOR DE
REALITY SHOW,
CABRA OUSADO E
CHEIA DE CARISMA.
COMO ANDA O HOJE
CORONEL RODRIGO
TRIGUEIRO?

Por Leonardo Dantas
Fotos: Cícero Oliveira e
Demis Roussos

O escritor e jornalista inglês George Orwell criou um dos personagens mais emblemáticos da literatura mundial em sua obra **1984**, o Grande Irmão (*Big Brother*, originalmente). O livro trata de uma distopia, onde a fictícia Oceania é um Estado totalitário e sua população vive permanentemente vigiada por câmeras. É dele a célebre frase “o grande irmão está observando você”. Na Nova York da década de 60, o multifacetado Andy Warhol pintava produtos industrializados como latas de sopa e soltava: “Um dia, todos terão direito a 15 minutos de fama”, profetizando a era das celebridades instantâneas. Se para Orwell os olhos que vigiavam eram aterrorizantes, na sociedade prevista por Warhol todos procuram ser vistos pelo máximo de olhos possíveis. Andy estava certo.

Os *reality shows*, nem sempre tão reais assim, confinam participantes e lançam ao status de celebridades dezenas de desconhecidos. Tão rápida é a subida, mais exitosa ainda é a queda. Com o tempo, os convidados vão sumindo e as presenças não são mais tão VIPs assim. A sobrevida no mundo da fama pode surgir da internet, quando a “subcelebridade”, termo utilizado para se referir a famosos não muito prestigiados, vira *memé*. Há quem enlouqueça e também quem encare de boa essa derrocada do estrelato ao ostracismo.

Vocês lembram do Capitão Rodrigo Trigueiro? Vencedor da 3ª edição do “No Limite”? O potiguar soube aproveitar bem sua fama logo após o programa, que o confinou com mais 11 participantes na Ilha do Marajó, no Pará. Entre provas físicas e dias sem tomar banho, o policial conseguiu ganhar o prêmio de R\$ 300 mil. Bem longe dos R\$ 1,5 milhão do último BBB. “Mas era um dinheiro muito bom na época”, comenta o agora Tenente Coronel Trigueiro e comandante do Batalhão de Choque da Polícia Militar RN (BPChoque). Com exceção do suntuoso bigode, o “capitão” continua o mesmo personagem carismático do reality.

Trigueiro ocupou a tela da TV de outubro a dezembro de 2001. Apesar das duas edições anteriores, o formato *reality* ainda estava engatinhando no País. Menos interativo que atualmente, o público não participava de votações e a vitória era alcançada através de provas de resistência e degustação de olhos de cabra ou vermes vivos. “Se não foi a melhor, foi uma das melhores experiências da minha vida”, afirma o eterno capitão.

COMO TUDO ACONTECEU

Fazendo jus ao mote aventureiro do No Limite, Trigueiro caiu quase que de paraquedas no programa. “Eu lembro que era 27 de julho 2001, Dia do Motociclista, e eu estava em Ponta Negra (praia em Natal) bebendo com alguns amigos motociclistas e uma amiga chamada Rosinha, que trabalhava no portal cabugi.com, me ligou”. Na conversa, ela informa ao capitão que uma equipe de produção da Rede Globo estava na cidade fazendo seleção para o programa. O perfil aventureiro e carismático do militar era uma combinação perfeita. “Se não fosse a insistência dela não teria acontecido nada disso”, garante.

A ligação de Rosinha aconteceu às 10h, mas apenas no fim da tar-

de Trigueiro saiu da companhia dos amigos e se dirigiu até a emissora para a entrevista. “Só Rosinha mesmo para me fazer encarar uma fila em pleno sábado. Eu fiz tudo em consideração a ela. Uma grande amiga de longa data”. Já no estúdio, Trigueiro passou por um verdadeiro raio X de perguntas da equipe do programa. “Eles queriam saber de tudo, infância, de gosto musical a preferências sexuais. Se eu já tinha entrado em conflito durante alguma operação, tudo”. A amiga observava tudo de longe enquanto o capitão se empolgava na conversa e como ele mesmo relata “já meio melado” (bebeu além da conta).

Mesmo sem levar muito a sério, o teste com o capitão foi

o mais duradouro daquele dia. “Agradei ao pessoal e me disseram que entrariam em contato. Segui minha vida”. Tempos depois, quando nem lembrava mais da entrevista, veio a ligação do Rio de Janeiro confirmando a participação de Trigueiro na fase seguinte da seleção. “Eu morava ainda com minha mãe e quando ligaram eu não acreditei. Eu dizia: - Gente, deixe de guerra. Pensava que era um trote. O universo estava conspirando tanto que eu tinha três férias vencidas no quartel. Que era exatamente o tempo de gravação e exibição do programa”.

Contar para os colegas da polícia foi fácil, mas gerou muita desconfiança também. “Ninguém

Reprodução: Demis Roussos

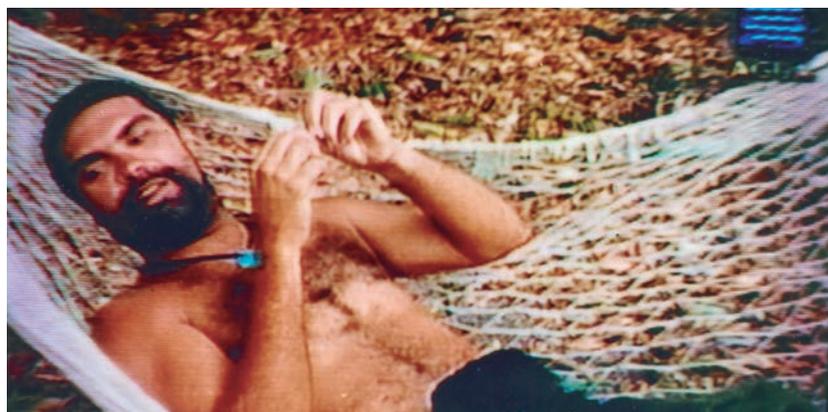


Fotos da edição de No Limite que consagrou Rodrigo campeão



quis acreditar. Fui conversar com meu comandante e ele questionava: - que história é essa, Trigueiro? Naquela época, o pessoal era mais bruto, então, imagina. Fui explicar que minha participação tinha sido confirmada, mas ele não acreditava de jeito nenhum”. Foi necessário que o capitão em uma de suas idas à emissora carioca na pré-produção do programa tirasse algumas fotos no Projac para comprovar.

Trigueiro lembra da única orientação que recebeu do seu superior. “Ele me pediu para tomar cuidado de não macular a imagem da instituição, pois as pessoas poderiam me avaliar e generalizar. Mas deixei claro que no programa eu seria mais civil do que militar. De fato foi esse o papel que fiz”.



Reprodução: Demis Rousso

O CARISMA NA TV

A gravação do programa aconteceu em outubro de 2001. Conversador e brincalhão, Trigueiro não teve rejeição. Seu nome só foi indicado para eliminação na semifinal daquela edição. Os romances, comuns em reality shows como o BBB, não tinham muito como florescer em meio ao calor e a higiene comprometida. “Era um nível de estresse altíssimo. Muito suor e sem banho. Então imagina como era a situação. Não tinha como acontecer nada ali. Sem falar nos mosquitos. Não é como um Big Brother que você tem ali uma cama confortável. A gente estava numa selva. A pior coisa eram os mosquitos. Chegava a um ponto dos repelentes não terem mais efeito”. A saída era caminhar uma distância de 6km até a praia para se refrescar.

Não bastasse os participantes confinados precariamente em uma ilha com água e comida escassa, o No Limite fazia jus ao nome, promovendo uma das provas mais famosas e também angustiantes. Quem não lembra dos

olhos de cabras ou dos testículos de boi? Nenhuma prova física foi tão difícil para o capitão como a prova da comida. “Eu comi um pedaço bem suculento de fígado bovino cru, olho de cabra e por fim minhoca viva com macarrão. Eu só consegui inibindo meu paladar, sem respirar”. Na época comentava-se que para um militar essa prova seria familiar, mas o capitão desmistifica o senso comum. “Nem todo policial tem esse tipo de treinamento. Depois da nossa formação básica, somos como qualquer outro trabalhador. Depois que buscamos nos especializar em algum segmento”.

Se o capitão não havia sido treinado para ingerir as guloseimas exóticas do programa, outras atribuições de militar foram usadas. Fazendo o papel de bonachão desde o início do programa, Trigueiro logo ganhou a fama de preguiçoso. “Eu era bem besta de levar sol na moleira de graça. Só me esforçava em momentos que realmente mereciam o esforço. Era necessário guardar minhas forças”.

PAIXÕES NO PROGRAMA

Após a exaustiva gravação do programa, os participantes foram confinados novamente, mas dessa vez com muito conforto e luxo. O grupo ficou hospedado na Ilha Grande (RJ). “Gravamos por pouco mais de um mês e depois ficamos escondidos na Pousada Sítio dos Lobos, propriedade de Júlia e Marcos Serrado, pais do ator Marcelo Serrado”. Um lugar paradisíaco onde é proibido o tráfego de carros e só é possível chegar através de barco. “O local é uma das coisas mais lindas que já vi na minha vida. Um lugar bacana mesmo. Para gringos e também para o pessoal da Globo que passa por problemas de depressão”. Fora do estresse, deu até para pintar romance durante a estadia em Ilha Grande. “Coincidentemente, ficamos em oito até o último episódio do programa, quatro homens e quatro mulheres. Então rolaram algumas paixões”.

Mesmo eliminado em uma prova, o Capitão conseguiu voltar ao programa através de uma repescagem e venceu o programa. A final foi transmitida ao vivo e com grande audiência. “Imagine como era naquela época, se ainda hoje nós somos carentes de figuras midiáticas nacionais aqui no estado”, conta Trigueiro lembrando da sua recepção na cidade. “A festa foi grande. Minha fama durou exatamente dois anos. Em 2002 e 2003, onde eu chegava as portas estavam abertas. É

tudo muito bom e fácil. Se você não tiver a cabeça no lugar se deixa levar. Quando você olha para o lado já tem uma pessoa para resolver, todo mundo quer uma foto, quer te pagar coisas e por aí vai”. O campeão foi recebido como herói no aeroporto e foi escoltado pelos colegas da Polícia até o quartel.

Naquela época os participantes de reality shows não possuíam uma agenda televisiva como atualmente, onde concedem entrevista aos principais programas da emissora. “A nível local eu fui em todos os programas,

Coincidentemente, ficamos em oito até o último episódio do programa, quatro homens e quatro mulheres. Então rolaram algumas paixões.

mas no nacional eu lembro de ter ido ao programa de Serginho Groisman e participei de uma matéria no Globo Repórter”. O PM confessa que aproveitou muito o período de efervescência da fama, mas sempre muito consciente de que não duraria para sempre. “Se uma pessoa quer ser celebridade, ela só pode sair de casa de bom humor. Caso tenha algum problema, nem saia. Como as pessoas nos veem a TV com muita frequência, elas criam uma intimidade com a gente, que na verdade não existe”.





ASSÉDIO EM NATAL

No mundo das celebrações instantâneas de reality show, contratos publicitários e presença VIP em eventos é a galinha dos ovos de ouro de quem quer esticar os 15 minutos de fama. Infelizmente, ou felizmente, no início dos anos 2000 não havia a exposição de *lifestyle* nas redes sociais e o faturamento em cima dos mal falados *publiposts*. “Quando saí do programa, a Rua Chile, na Ribeira, estava bombando. Tinha o Blackout e outros barzinhos. Os donos eram meus amigos e me perguntavam sobre cachê para fazer presença. Eu dizia que queria apenas uísque e muito tira-gosto a noite todinha. Essa parte é muito boa. Aonde você chega a banda cita seu nome, as gatinhas chegam. Não precisa nem ser bonito, basta aparecer na TV. É um beija-beija, um lambe-lambe, um pega-pega. Mas se você estiver de mau humor, eu não aconselho a sair”.

O assédio às vezes até envergonhava o Capitão, que nunca tinha pensado na vida em dar autógrafa. “Quando eram crianças que chegavam, a gente fica até feliz. Mas imagina chegar um cara da sua idade, com um bigode maior que o seu pedindo autógrafa. Eu ficava todo errado”. Outro termo que muitos marombados e saradas correm atrás para ostentar, Triguei-

ro não gosta nem um pouco. “Não gostava e nem gosto de ser chamado de celebridade. Quem merece esse título é um nobel, um médico ou um cientista que descobriu a cura de uma doença. Enquanto eu apenas participei de um reality. Engraçado como as pessoas criam isso”.

O coronel Trigueiro encara a experiência como uma grande brincadeira e diz não sentir falta da fama do passado. “Gosto muito de ter minha privacidade. Mas ainda hoje em qualquer lugar que eu vá ainda tem gente que me chama de capitão, ou fala que participei do Big Brother. Eu sou muito desapegado das coisas, por isso não sinto falta de nada disso. Foi bom, mas já passou. Sou um cara de vida simples e acho que o que eu tenho já me satisfaz”.

A premiação dos *reality shows* podem mudar a vida de muita gente. Mas também não faltam exemplos de participantes que gastaram tudo e voltaram à vida cotidiana de antes. O capitão investiu em imóveis. “Era um bom dinheiro na época. Eu tinha 31 anos, era capitão, tinha meu apartamento e minha moto. Não quis arriscar em nada e acabei investindo boa parte em terrenos e imóveis. Agora eles estão aí rendendo muito mais do que há 17 anos”.





Assim como quando entrou no programa, o espírito aventureiro continua

O SEQUESTRO

Um fato inusitado da vida pós-reality show do Tenente Coronel Trigueiro aconteceu em 2002, quando durante o sequestro de uma publicitária em Natal (RN) um dos sequestradores exigiu a presença do capitão do No Limite nas negociações. Ele se enfrentou de coragem e, mesmo com um colete à prova de bala, pôs a vida em risco porque teve que se aproximar do carro, em plena avenida, para negociar com os bandidos. A equipe conseguiu convencer os sequestradores a se entregarem e a refém foi salva.

Trigueiro acredita que atualmente não toparia uma nova experiência nas telinhas. “É muita exposição. Dessa minha zona de conforto de hoje eu não sairia não. Na época eu tinha 31 anos, era um capitão novo e disposto a aventura. Hoje sou um tenente coronel de 47 anos que se sair de casa por mais de três dias já sente um banzo”, brinca. O que não mudou do participante de *reality show* até os dias atuais foi o espírito aventureiro do capitão. Casado e com filhos, Rodrigo gosta de curtir o que ele chama de “meus brinquedos”, que é sua moto, prancha de surfe e bicicleta. E o sonho é que logo depois de se aposentar possa fazer uma grande viagem pelo mundo de moto.

O capitão quer seguir os passos do pai, o Coronel da PM aposentado Valdenor Félix da Silva, que aos 70 anos já rodou o Continente de moto. “A minha maior viagem foi para Pelotas (RS), onde percorri a BR 101 toda em 2006. Meu maior sonho é viajar de moto depois de me aposentar, descobrir uns picos de surfe pelo mundo. Assim como meu pai, aproveitar a vida”. Para a aposentadoria faltam três anos. “Já pensou? Estamos falando de um fato que aconteceu há mais de 15 anos, e que parece que foi ontem. Como o tempo passa rápido”, discorre.

Apesar do ostracismo midiático ser a pá de cal na carreira de muitas “estrelas” de *reality shows*, que sumiram tão rápido quanto apareceram, o Coronel Trigueiro tem se saído muito bem, levando a vida com a mesma tática que o consagrou campeão do No Limite: calma e maciata.



Eliana Lima

Editora

Email: elianalima@portaldabelhinha.com.br



VIAGEM

Eu voltaria

QUAL O LUGAR PARA VOLTAR DE UMA VIAGEM INESQUECÍVEL? REVELAMOS QUAIS SÃO ESSES LUGARES PARA OS CASAIS POTIGUARES UIANÊ E ARTÊMIO AZEVEDO, HELOÍSA DRUMMOND E LEONARDO CARNEIRO, NATASHA E ABÍLIO OLIVEIRA, HELOÍSA E FELINTO RODRIGUES FILHO, JANAÍNA E FERNANDO JALES, KEITY E CHRYSTIAN DE SABOYA

Fotos: Divulgação

UIANÊ E ARTÊMIO AZEVEDO **BONIFACIO – CÔRSEGA**

“Para comemorarmos a data especial dos nossos 25 anos de casados, fizemos um cruzeiro especial por algumas ilhas do Mar Tirreno. Dentre elas, a que mais nos encantou foi Bonifacio. Bonifacio é uma cidadezinha da região da Córsega do Sul com pouco mais de 100 km² e apenas 2.658 moradores. É o pedaço mais meridional da França Metropolitana.

De tão estonteantemente linda, os gregos antigos a chamavam de kallisté: “a mais bela de todas”. Podemos atestar que não é exagero dos gregos. As paisagens de Bonifacio são um colírio para os olhos de quem a visita.

Foi na Córsega, precisamente em Ajaccio, uma outra parte também visitada por nós, que nasceu Napoleão Bonaparte.

Mas, voltando à Bonifácio, esta espetacular cidade medieval à beira do abismo é também a mais antiga cidade da Córsega e foi perigosamente construída sobre uma falésia. O cenário impressiona, com a velha cidadela equilibrada sobre o rochedo branco e de frente para o azul profundo do Mediterrâneo.

À medida que o sol baixa, vai dando às rochas tons ainda mais avermelhados. E o contraste com o azul do Mediterrâneo faz das calanches um cenário espetacular. Não é à toa que o local é patrimônio natural da humanidade.

Uma viagem inesquecível a um lugar belíssimo que desejamos voltar”.



HELÔ DRUMMOND E LEONARDO CARNEIRO **CAPRI E COSTA AMALFITANA – ITÁLIA**

“Sempre quando viajava e conhecia um país novo repetia a velha frase: ‘por mais que eu ame um lugar no mundo, nunca voltaria, pois tem tantos lugares ainda pra se conhecer’. Mas as vezes a gente morde a língua, e posso dizer que isso aconteceu em Capri e na Costa Amalfitana! Um lugar onde você consegue conciliar tudo que umas boas férias merecem: excelente culinária, diversão, luxo, belezas naturais e tranquilidade também! Passamos 10 dias conhecendo Capri e todas as cidadezinhas da Costa, mas sem dúvidas não foi suficiente! Se pudesse voltar e escolher, voltaria para ficar hospedada em Positano no Il San Pietro, hotel dos soooooinhos, com praia privativa, quadras

de tênis, piscinas, restaurante com estrela Michelin e uma varanda... ah que varanda, com uma das mais belas vistas que meus olhos já tiveram o prazer de apreciar! Digno de uma lua-de-mel 6 estrelas!”





NATASHA E
ABÍLIO OLIVEIRA
SANTORINI - GRÉCIA



“Santorini foi um lugar inesquecível, gostaria muito de voltar! A lembrança do azul do mar e das ruas charmosas com pessoas felizes nos contagiou! O passeio de barco pela ilha é algo imperdível!!!”



HELOÍSA E FELINTO FILHO
CAPRI - ITÁLIA

“Viajar é uma rara oportunidade de renovar a alma. Quando se acerta no destino e ele ainda por cima surpreende, então, isso eterniza as lembranças. De pronto o destino que nos provocou isso foi Capri, Itália. Beleza abundante, energia especial, gastronomia espetacular, e surpreendente quer seja pela manhã, tarde, por do sol ou noite”.



JANAÍNA E
FERNANDO JALES
FÁTIMA - PORTUGAL

“Sempre que vamos a Portugal passamos ao menos um dia em Fátima. Lugar que transborda história e que transmite uma paz sem igual. Além de reforçar a fé, ainda tem ótimas opções gastronômicas, a exemplo dos restaurantes Tia Alice e Crispim.”

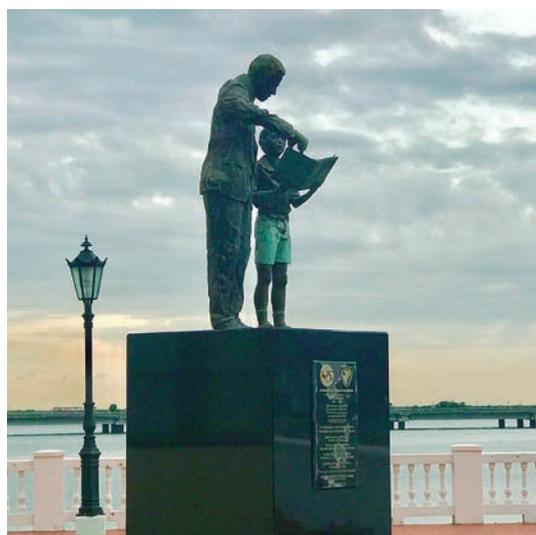




KEITY E CHRYSTIAN DE SABOYA **PANAMÁ - OUTROS COLORIDOS**

“O Panamá foi, para o olhar e o coração da gente, dos pedaços de chão mais lindos que nossa alma alcançou. Dono dum sem fim de história, de arte e de vida, o país é muito mais do que um destino de compras (por sinal não achei nenhuma graça nesse caminho) ou, sei lá, “parar um dia lá, já que vamos para...”. O Panamá merece dez dias, pelo menos. Na capital, o Casco Antiguo é parada obrigatória. Arte, história, restaurantes incríveis, hotéis maravilhosos e... índios coloridos passando diante do nosso olhar, em momentos de puro bucolismo. Na Ciudad Vieja, entre ruínas e um passado inglório, quando o povo resolveu queimar toda a outrora vila para expulsar os piratas (por anos o Panamá foi invadido por malfeitores), um passeio imperdível. Casas, igrejas, museu: tudo é lindo, aqui. Vale muito visitar a província de Colón, e duas cidades: Colón e Portobello. A primeira tem uma arquitetura deslumbrante, um que de abandono do poder público que grita no coração da gente e prédios sem fim, cheios de história, beleza e... ocupados pela população negra, em sua maioria antilhana e feliz. Foi um dos lugares mais avassaladores que vi

na vida. Sonhamos com sua gente bem cuidada e a cidade restaurada um dia. No seu entorno, hotéis de luxo, dentro da cidade o famoso (e hoje decadente) Hotel Washington - que recebeu reis, rainhas, estrelas de todo o mundo e que hoje... mofa em meio a uma arquitetura de encher corações e olhares. Ao norte desse Caribe dono doutras cores, chegamos à cidade de Portobello. Dos portos mais influentes do mundo no passado, ganhou esse nome por Cristóvão Colombo, que tem um irmão enterrado lá e, quando chegou à paragem gritou... “que puerto belo!”. É belo não! É lindooooooooo! Espremido entre a selva tropical e o mar do Caribe, tem lugares muito especiais e tocantes... como a Igreja do Nazareno, onde repousa um Cristo Negro. A história, de 1600, de tocar o coração da gente. O Cristo Negro do Panamá é o único do mundo. Foi em Portobello onde primeiro se vendeu escravos nas Américas, e donde, hoje, a Cultura Congo grita entre atabaques ouvidos ao longe e hotéis maravilhosos. O mar lindo e quase deserto, ilhas cheias de vida, pelicanos sobre nossas cabeças e a Casa Congo declarando amor à vida. O Panamá foi um presente lindo... cheio de Deus, de histórias para aplaudir, duma gente solícita e amável, duma energia incrível. conhecer cada pedaço dessa terra foi um presente de Deus”.





PERSONALIDADE

Luxo e aconchego **em casa**



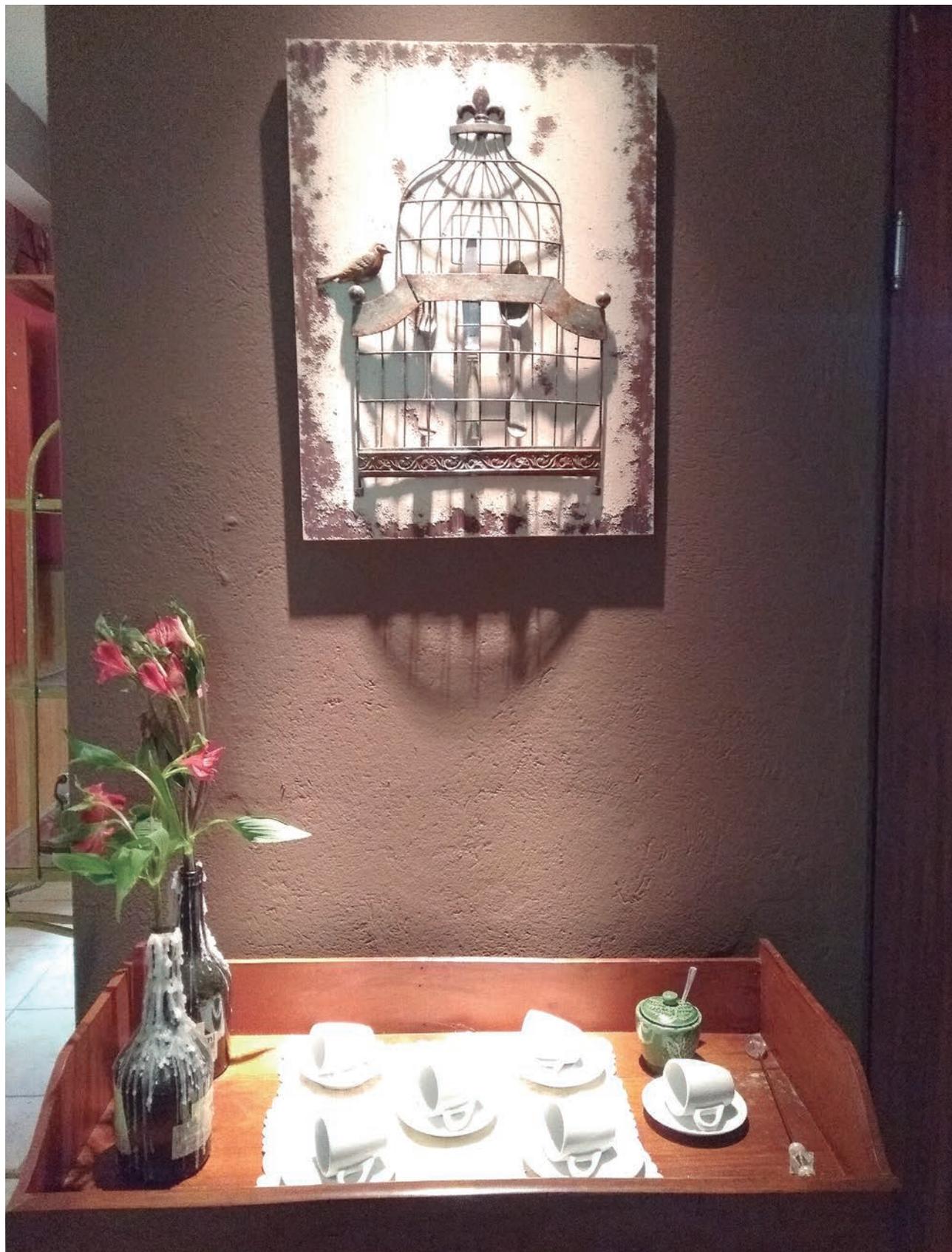
O CHEF HAROLDO VARELA,
RECONHECIDO PELA SUA
EXPERIÊNCIA E PRATOS CHEIOS DE
SABOR E QUE TEM EXPERIÊNCIA
EM RESTAURANTES COMO O
CAMARÕES, ABRE AS PORTAS
DA SUA CASA NO FORMATO
GASTRO LAR

Por Rafael Barbosa
Fotos: Rafael Barbosa e divulgação

O despertar da paixão de menino que ao sentir o cheiro dos temperos se metia na cozinha para aprender fez do cozinheiro potiguar Haroldo Varela um vocacionado à gastronomia. O prazer em fazer e servir comida é tanto que há pouco mais de um ano ele abriu a sua casa para receber pessoas que até mesmo nem conhece e preparar almoços e jantares para elas. A Casa Haroldo se apresenta em Natal como uma opção diferente dos restaurantes conhecidos da Zona Sul da capital, mas sem deixar cair o padrão de qualidade dos pratos servidos.

“A ideia é fazer se sentir em casa”, resume Haroldo. A iniciativa partiu da vontade de oferecer uma proposta diferente ao público. Porém também por querer estender a mais gente os encontros que já faz com as visitas. Em casa, divide o tempo entre cozinheiro para os clientes e cozinheiro para os amigos. Haroldo Varela gosta de receber os mais próximos sempre que pode, contudo o hábito acabou virando um negócio.

E assim foi: a charmosa residência na Avenida Amintas Barros, em Nova Descoberta, tornou-se um espaço de recepção intimista. O cozinheiro fecha pacotes de eventos para até 26 pessoas, e ele mesmo as recebe, prepara a comida, as serve à mesa. É um gastro lar, em que o chef recebe seus convidados dentro da própria morada.



A decoração da casa-estabelecimento é pensada em cada detalhe pelo próprio Haroldo Varela. A quantidade mínima de clientes por pacote é de 12. E o cardápio é combinado na hora em que a reserva é acertada, por telefone, ao gosto de quem for comer. “Aqui não é um lugar de elite. É um espaço que atende todo mundo”, reforça o cozinheiro proprietário.

Os pratos e entradas passeiam de camarão a porco, bacalhau, siri, em diferentes variações de preparo e com diferentes molhos. De acordo com Haroldo, o principal é agradar a um maior número de pessoas possível. “E eu adapto. Se alguém tiver alergia, alguma intolerância, se chegar aqui e não gostar de determinado prato, eu vou lá e dou um jeito”.



A CASA É DE VOCÊS

Haroldo Varela adaptou o imóvel e preparou nos fundos uma cozinha semi-industrial. A área de uso comum entre os visitantes é toda climatizada. “A primeira palavra que eu escuto das pessoas que vêm aqui em casa é ‘aconchegante’. Eu fico nos bastidores e logo digo ‘a casa é de vocês’. O ponto chave, mesmo, é a privacidade, a privacidade e a segurança”.

Inspirado nos primeiros co-

zinheiros de que se tem notícia, que sabiam manipular os alimentos com mais habilidade do que os demais de seu grupo, e cozinhavam para todos, Haroldo Varela levanta a bandeira de que, quando se está na cozinha, é preciso pôr em mente que a comida que está sendo produzida é para alimentar “o seu próprio povo”. “Então eu cozinho para o meu povo, é assim que faço”, explica.

A experiência dura 4h30,

tempo para apreciar um couvert, três entradas, dois pratos principais, a sobremesa e ainda um cafézinho, encerrando a festa. “E eu me divirto aqui em casa fazendo os pratos. Eu gosto, eu curto fazer. Senão não faria sentido”. No final das contas, a Casa Haroldo é uma experimentação de um ambiente caseiro, para encontrar amigos em um clima mais à vontade, e com um serviço personalizado de chef de cozinha.





KNOW HOW

Haroldo Varela tem mais de 30 anos de mercado gastronômico. Formado na primeira turma do curso do Hotel Barreira Roxa, ele também trabalhou por 20 anos em um dos restaurantes mais tradicionais de Natal: o Camarões.

Haroldo ainda teve experiências profissionais em hotéis na cidade de São Paulo, e atuou por

cinco anos na Europa, até decidir voltar ao Brasil. Atualmente, além de tocar a Casa Haroldo, ele projeta cozinhas para outros restaurantes, em forma de consultoria. A outra atividade alia, segundo o cozinheiro, um gosto que tem pela Arquitetura. “Sou assim, mil coisas passando pela cabeça ao mesmo tempo”.



Acendedor de
lâmpadas: profissão
que não existe mais

PROFISSÕES

O que era já não é mais

LEITEIRO,
ALFAIATE, UMA
PESSOA QUE
FAZ TRABALHO
SEMELHANTE AO
DE UM BANCO.
COLETIVO DE
MULHERES DE
BIKE E OUTRAS
PROFISSÕES EM
UM MUNDO QUE
EXIGE MUITAS
VIRAÇÕES E
CRIATIVIDADE
PARA PERSEVERAR
NA PROFISSÃO
ESCOLHIDA

Por Patrícia Carvalho
Fotos: Patrícia Carvalho

Quem tem 35 anos ou mais viveu um tempo que talvez seja difícil ter de volta, ou até mesmo impossível. Naquela época, estar na escola e receber trabalhos de pesquisa significava reunir um grupo de amigos e ir até uma biblioteca realizar consultas em livros físicos e enciclopédias que vendedores passavam de casa em casa oferecendo.

Depois, ainda na década de 90, esperar as provas na escola, sentado à carteira, era imaginar aquele cheirinho de material confeccionado em mimeógrafo, o qual chegava à sala de aula com uma letra cursiva atraente aos olhos, redonda, com cheiro característico de álcool e uma cor impressa em papel branco que talvez fosse um meio termo entre o preto e o cinza. Na alimentação, era comum tomar leite fresco, que vinha da fazenda.

Quando criança, ficava imaginando quem acendia e apagava os postes. Na Europa, nos séculos XIX e XX, antes da chegada da energia elétrica, havia iluminação noturna à base de velas e lampiões que funcionavam por meio do fogo e querosene. Essa função era desempenhada pelo então *acendedor de*

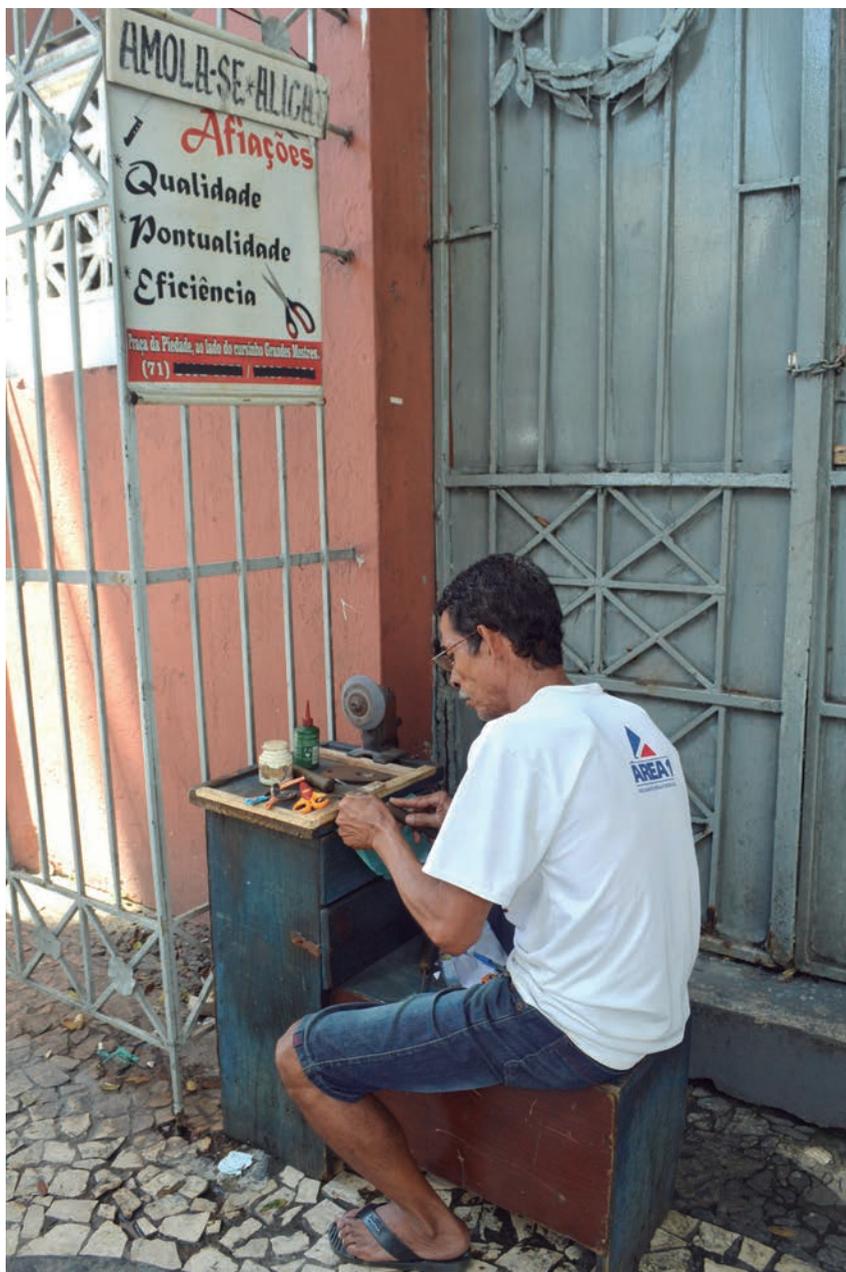
postes. Quando o dia amanhecia um funcionário apagava esses postes. Alguns deles, porém, se mantiveram mesmo com a energia elétrica. A Avenida *Kensington Palace Gardens*, um alinhado de embaixadas e mansões bilionárias, em Londres, é iluminada somente por lâmpadas a gás. São os poucos postes do período vitoriano que restam na cidade, nos lembrando dos romances de Charles Dickens.

Antes mesmo da presença do digital em nossas vidas, muitas tradições, profissões e costumes se perderam com o tempo. Mas há alguns anos, o digital revolucionou a forma de se viver e principalmente de ter informações e lidar com as pessoas. As cartas diminuíram bastante, mas ainda têm número considerável; não se tem mais as grandes listas telefônicas anuais, onde era possível achar o telefone de qualquer pessoa e os estabelecimentos comerciais nas páginas amarelas. Qualquer informação está ao alcance do mais simples *smartphone*, seja para buscas no *Google*, que há pouco completou vinte anos de existência, seja pelos mecanismos de busca das mídias sociais mais utilizadas no momento: *Instagram* e *Facebook*.

OS QUE PERSEVERAM

Seja nas ruas de Salvador, seja de Natal, seja outras capitais e interior do Brasil, profissões antigas coexistem com outras profissões, em meio principalmente à venda de comida, que teve grande crescimento informal no país devido à crise econômica instalada. Na Avenida 7, Centro de Salvador, encontramos Paulo Barbosa, 52 anos. Seu Paulo amola tesouras, alicates de unha, aparelhos de barbearia. Seus principais clientes são salões de beleza e donas de casa. Ele trabalha no mesmo local há alguns anos. A renda não é suficiente para se manter e então ele também faz bicos como pedreiro, marceneiro, encanador, pintor. Aprendeu o ofício de amolador com o irmão mais velho, já falecido, e cobra 6 reais por cada objeto. Seu Paulo se considera um bom amolador, “diferente de muitos que têm por aí”, e diz que para ser bom na profissão é preciso se dedicar.

Ali perto está Edivaldo Costa da Silva, 55 anos, engraxate. Aos 10 anos de idade foi morar nas ruas de Salvador. Nelas conheceu muita gente, lavou carro em diferentes lugares e começou a observar que engraxar dava um “dinheirinho”. Engraxa sapatos principalmente de pessoas que seguiram a carreira jurídica e quando chove, cobre seu material de trabalho e suspende o atendimento. Nos melhores tem-



Paulo Barbosa, amolador

pos chegou a tirar 70 reais por dia. Hoje, para complementar a renda, vende cafezinho em outros bairros nos fins de semana.

Ainda no centro de Salvador,

em um casarão amarelo de 1798 e de propriedade da Santa Casa de Misericórdia, encontramos Gilberto Rolemberg, 79 anos, alfaiate, mais conhecido como Berg,



Edivaldo Silva, engraxate



Seu Berg, alfaiate

que trabalha no espaço em regime de comodato. Único a resistir no casarão, aprendeu o ofício ainda jovem, no Rio de Janeiro, para onde se mudou ainda criança, só retornando para Salvador quando adulto. Naquela época, 1968, ganhava-se muito dinheiro como alfaiate no Rio e ele se interessou pela profissão. Seu Berg, quase sessenta anos trabalhando como alfaiate, é humilde e diz que até hoje não sabe nada, que continua aprendendo, e me mostra a lista antiga dos alfaiates que já ocuparam o prédio. Eram sete ali, que chegaram ao estabelecimento em 2001. Uns

morreram, outros se mudaram, outros deixaram o ofício, mas Seu Berg continua no local.

Nos bons tempos chegou a atender mais de cinquenta clientes por mês — entre eles um desembargador do Fórum de Salvador. Hoje atende somente entre cinco e seis clientes por mês. Há dias também em que chega a atender três ou quatro por dia, entre clientes antigos e novos. O maior valor do serviço realizado por Seu Berg é para a confecção de calças, 70 reais a unidade, enquanto uma bainha sai ao preço de 10 reais. Com orgulho, o alfaiate mostra algumas peças que fez.

Algumas das encomendas, seis camisas, pertencem a um mesmo cliente. Elas estão devidamente passadas a ferro, dobradas, e suas golas mostram que Seu Berg colocou ali tela, para dar sustentação ao tecido. Ele alega a diminuição de sua clientela às facilidades e preços do comércio de mesmo ramo, mas continua firme com suas três máquinas de costura: A Singer Industrial, a Overlock, e a Singer Facilita, “que faz tudo”. Demora em média duas a duas horas e meia para fazer uma camisa masculina em microfibra, diz ser realizado na profissão e feliz, “pois tem tudo que o pobre tem”.

FUNÇÃO SIMILAR A DE UM BANCO

Na Rua Castro Neves, 240, na Vila Pimentel, Casa 5, também Centro de Salvador, encontramos Maria da Glória Lopes, 85 anos, natural de Itabuna-BA, atendente aposentada que trabalhou muitos anos no Hospital Português e hoje além de acudir algum vizinho quando precisa de injeção, desempenha o serviço que os bancos fazem há tempos e que com as novas tecnologias é permitido fazer com a tela *touch screen* do celular.

D. Glória, como é conhecida na vizinhança, guarda o dinheiro das pessoas e o devolve depois de um prazo, como uma espécie de caixinha (poupança). Funciona assim: a pessoa pretende comprar algum objeto, fazer uma cirurgia por exemplo, e precisa guardar o dinheiro por um tempo para só

então alcançar seu objetivo. Então, ela procura D. Glória e juntas definem um valor mensal, algo em torno de 100 ou 200 reais pagos em espécie. Para isso, é necessário que um grupo de pessoas participe, pelo menos onze, clientes que ela obtém na vizinhança mesmo, pois só faz negócio com gente conhecida, que seja aposentada, tenha salário, ou que “o marido solte uma graninha”.

D. Glória não cobra porcentagem pelo serviço, que realiza desde 1950, quando trabalhava no hospital, e volta e meia entra no grupo dos que fazem a caixinha. Foi assim que conseguiu comprar sua geladeira nova no ano passado. Tudo é feito de maneira informal, combinado pessoalmente e anotado apenas em um caderninho.



Dona Glória



Saulo Raulino, leiteiro

OLHA O LEITE

Em Natal, encontramos o leiteiro Saulo Raulino de Queiroz, 47 anos, que não conseguiu se adaptar ao trabalho em lugares fechados e tampouco com a rotina deles. Já o trabalho com leite iniciou no interior do RN, Serra de Martins, entregando o produto com a ajuda de uma bicicleta. Quando se mudou para Natal, com o dinheiro do trabalho na fábrica comprou uma moto. Nesse período havia conhecido quatro irmãos que vendiam leite nas ruas e, quando o estabelecimento em que trabalhou fechou, entrou no ramo, com a ajuda desses irmãos. “Sempre gostei

da vida do campo, e como já fazia isso, consegui trazer para cidade onde vim morar. Ainda hoje, sou metade rural e metade urbano”, diz Saulo Queiroz, que trabalha com leite há 30 anos, e chega às residências de seus clientes avisando: “Olha o leite!”.

Saulo diz que além dele conhece outros quatro leiteiros e que seu pagamento é feito de forma mensal: a quantidade de leite pega pelo cliente é anotada em um caderninho e, a conta, quitada no fim do mês. Ele vê sua profissão como muito importante, por vender um produto natural, sem conservantes.

REINVENÇÃO

Algumas profissões antigas se reestruturaram e voltaram repaginadas. É o caso das *parteiras*, que hoje existem como *doulas*, guardando grande conhecimento — inclusive científico —, sobre técnicas de relaxamento para a gravidez e para o momento do parto, fornecendo a parturiente um momento mais humanizado.

Mas as profissões antigas ou em extinção também guardam formas de emponderamento. É o caso da ONG *Casa La Frida*. A idealizadora, Lívia Suarez, também com formação em Letras pela UFBA, saía de *bike* junto a algumas amigas em bairros da periferia de Salvador levando café e poesia. Foi depois daí que surgiram outros projetos, como o Sarau e a própria ONG.

O *Casa La Frida* funciona também como espaço cooperativo. No ambiente há o salão de beleza *Makunã*, um dos mais famosos de Salvador, e uma produtora. Além de uma biblioteca, artigos de artesanato para venda e a proposta mais recente: uma oficina de mecânica básica de *bike* para mulheres negras.

Eliene Teixeira, mais conhecida como Bela nos grupos de ciclismo de Salvador, é engenheira civil, tem 46 anos, e está desempregada. Viu no *Facebook* o chamado da ONG para o curso, se inscreveu, foi selecionada, e agora pretende atender em casa, transformando a sala em uma oficina. Já para Diana dos Santos Andrade, 20 anos, que



Alunas da oficina de Mecânica Básica e instrutor



Espaço Mukunã, na casa La Frida

anda de quatro a cinco quilômetros de *bike* por dia, a oficina lhe dá a possibilidade de iniciar uma profissão e de atender a uma nova demanda que surge, com o aumento do uso de *bikes*, gerando maior segurança no atendimento em domicílio a mulheres.

O próprio instrutor da oficina, Wagner Figueiredo Silva, 41 anos, Relações Internacionais especializado em prospecção de mercado e trabalhando com *bike* há quase 30

anos, mais conhecido como *Guiné*, já estudou nos Estados Unidos, onde existem cursos de graduação e de pós-graduação sobre o assunto. No Brasil, o estudo de *bike* ainda está iniciando e tem algumas propostas isoladas, realizadas pelo *Sistema S* em algumas capitais do país. Para ele a questão começa com o empresariado, que ainda não abriu os olhos para a necessidade de ter em sua empresa um profissional especializado.

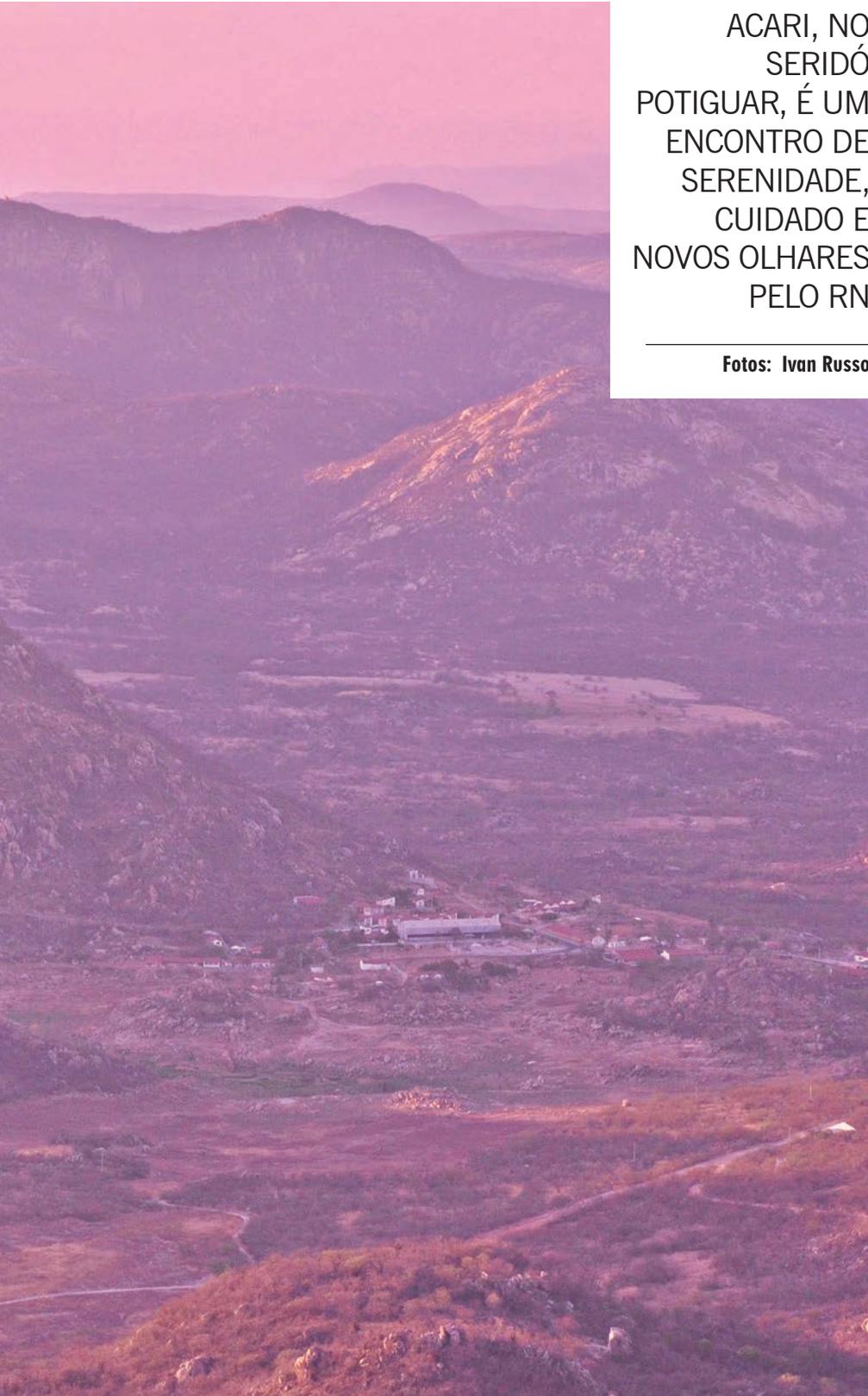


Gilson Bezerra

www.penaestradatrilhas.com

ACARI

Pedaço de **ENCANTO**



ACARI, NO
SERIDÓ
POTIGUAR, É UM
ENCONTRO DE
SERENIDADE,
CUIDADO E
NOVOS OLHARES
PELO RN

Fotos: Ivan Russo

No fim dos anos 80, eu e meus amigos Marcelo Gurgel e Gustavo Maia resolvemos fazer uma viagem de exploração para inaugurar o carro que Gustavo ganhara de presente do pai. O destino escolhido foi a cidade de Acari na região Seridó e o fator decisivo para nossa escolha foi o Açude Gargalheiras uma das sete maravilhas do RN, lugar de onde todos nós tínhamos guardado em alguma recordação infantil. E lá vamos nós ao nosso destino!

Acari foi fundada na condição de povoado em 1835 pelo sargento-mor Manuel Esteves de Andrade, dois anos depois ganhou a capela erguida pelo sargento em devoção a Nossa Senhora da Guia. Essa construção valorizou as terras ao redor da capela e atraiu moradores e comerciantes para o local. O Rio Acauã mantinha certa quantidade de água que garantia o abastecimento e a permanência dos acaris, peixe cascudo de carne saborosa e branca. Segundo o mestre Câmara Cascudo “o nome do lugar nasceu desse pescado fácil e constante dos acaris...Ali viveram gerações de mulheres submissas e férteis, e de homens sadios e vigorosos, laçando touro e matando onça”. Era o ciclo do gado chegando com força e espantando as últimas tribos dos ferozes cariris, cresciam as lavouras e o número de moradores fazendo com que fosse elevada a cidade no ano de 1898.

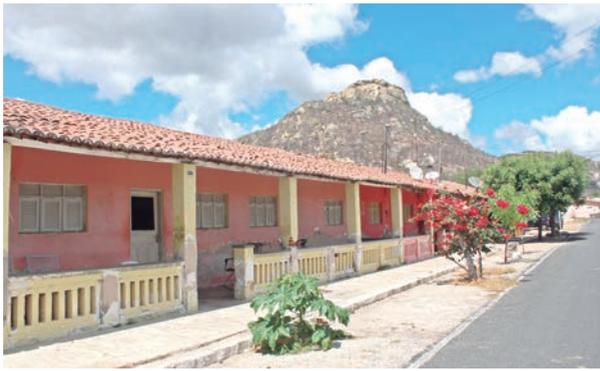
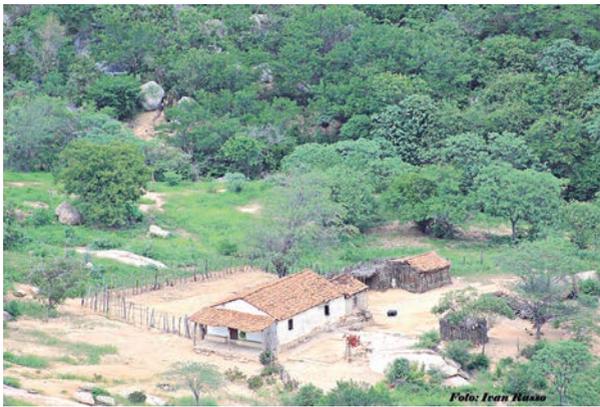
Distante 180 km de Natal, Acari faz parte do Pólo de turismo do Seridó e do Geoparque Seridó, contando com inúmeras formações rochosas e sítios arqueológicos (Poço do Felipe e Poço do Artur I e II). A simpática cidade possui ainda monumentos importantes como a Casa de Câmara e Cadeia que hoje sedia o Museu do homem sertanejo resgatando a memória local através

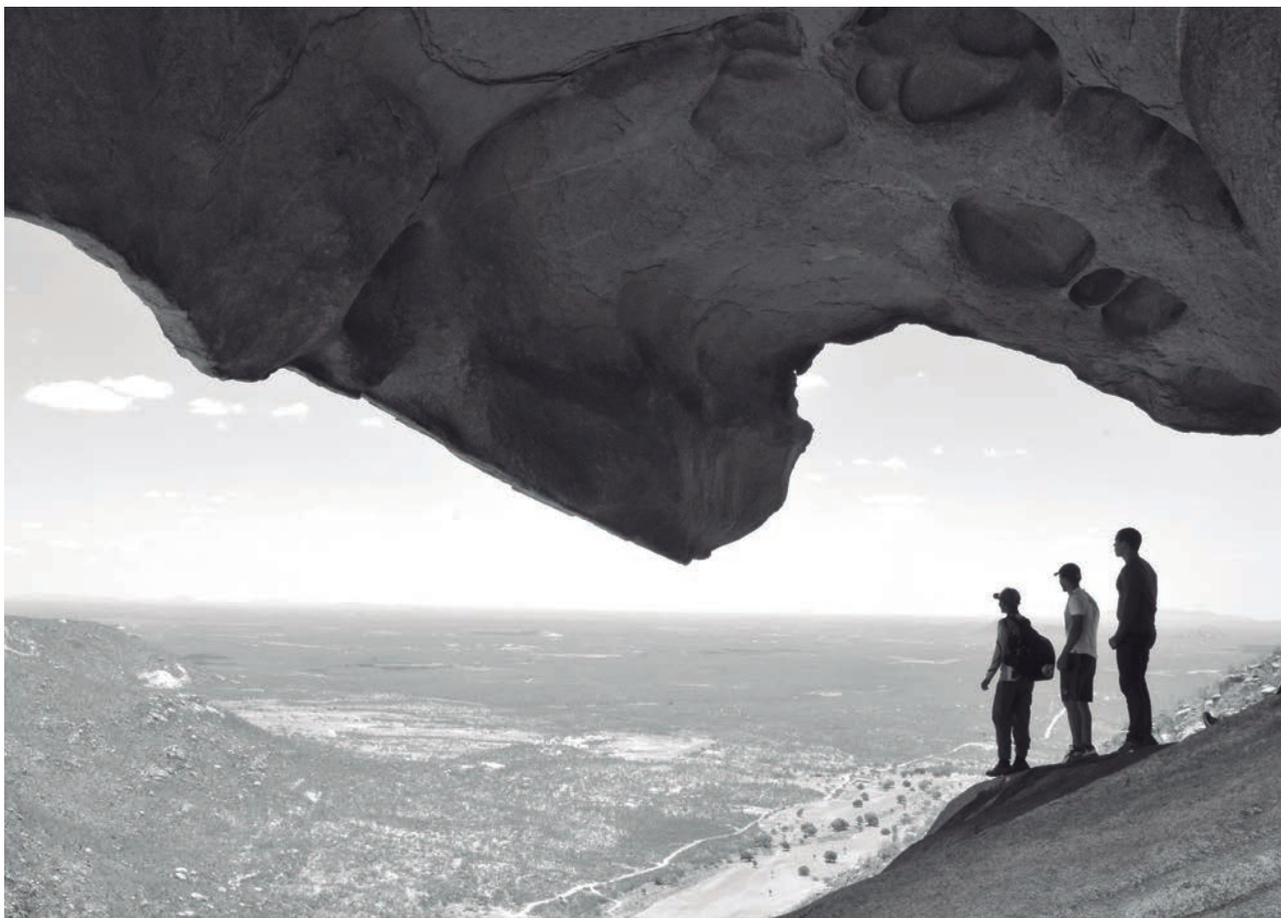
de objetos e elementos da cultura sertaneja, a capelinha de 1837 hoje consagrada a Nossa Senhora do Rosário dos pretos após a construção da igreja Matriz no ano de 1867, alguns sobrados e casario histórico.

Não podia se contar com hospedagem pois não havia pousada nem Hotel na época. Nossa determinação encontrou a generosidade de Seu Medeiros, funcionário do

DNOCS, que nos cedeu uma casa para ficarmos hospedados durante a breve estadia na Vila de pescadores do Açude Gargalheiras.

A imagem do açude muito cheio, represando o Rio Acauã que sangrava pela passagem estreita denominada Gargalheiras, era realmente deslumbrante e para minha alma sertaneja aquela imagem simbolizava um mar no coração da caatinga.





SERRAS E AVENTURAS PELA NATUREZA POTIGUAR

Durante três dias subimos serras, nadamos e nos aventuramos em pescarias com os moradores, remávamos de caiaque enquanto o terceiro revezava no nado percorrendo longos trechos de açude. Cozinávamos nossa própria comida, também comíamos peixe assado pelos pescadores durante as pescarias ou íamos até o centro de Acari garimpar alguma lanchonete aberta para jantar.

Acari mantêm aquele aspecto bem cuidado das cidades do Seridó. As ruas limpíssimas, meio fio impecavelmente pintado, casas bem conservadas e lixeiras espalhadas pelas esquinas ajudam a conservar o título que lhe foi conferido de “cidade mais limpa do Brasil” no ano de 1973. Essa cultura de limpeza aliada ao senso de pertencimento dos moradores fez a cidade se tornar referência

de limpeza urbana renovando o título em 2015 com o prêmio InovaCidade que premia iniciativas que contribuem com a melhoria da qualidade de vida das cidades. A limpeza urbana diária é garantida pelo projeto **lixo 0**, a coleta é seletiva e o lixo orgânico é transformado em adubo. Com tudo reaproveitado e reciclado, a cidade garantiu esse prêmio novamente para si.

Continuo voltando a Acari sempre, me sinto intimamente ligado ao lugar pelas inúmeras viagens que realizei para lá, pela Pé na Estrada Trilhas ou sozinho, pelos amigos que conquistei no lugar, pelas experiências vividas e as boas lembranças de um tempo que não volta mais! As subidas de serra com Angelina minha amiga guia que já não mora mais lá, o rapel nos paredões rochosos com Vitória Régia, os festivais de pescada, uma dormida de rede embaixo de um Pé de oiticica as margens do Poço do Felipe numa noite de lua, os jantares no Bistrô, um bando de mocós na parede do açude, a receptividade da equipe da Pousada Gargalheiras onde me isolei por uma semana trancado, concluindo minha dissertação de mestrado em 2005, um quarto com vista da janela para o açude cheio de onde eu saía as vezes, alternando momentos de intensa produção acadêmica com passeios de canoa e porres de cachaça para desestressar, tucunarés fritos e banhos na Praiinha, subir a Pedra do cruzeiro numa manobra arriscada com Ivan Russo, e assistir a um pôr do sol magnífico lá de cima e os passeios na lancha de Seu Paulo.

Há três anos atrás resolvi atravessar o açude a pé com um pequeno grupo de amigos. Acordamos muito cedo e as 05:30 iniciamos a caminhada pelo leito seco, onde antes havia tanta água. Geossítios como a Pedra do Avião totalmente descobertos revelando formas antes desconhecidas, a seca das

margens contrastando com o capim que crescia na vazante, gado pastando e uma pequena quantidade de água verde encostada a parede com garças fuçando a lama a procura de alimento. Não conseguimos concluir nossa missão, o sol forte começou a castigar e as

09h quando alcançamos a antiga Praiinha, resolvemos voltar pra pousada e tomar cerveja na sombra contemplando a paisagem de montanhas e rochedos cobertos de facheiros e macambiras num dos conjuntos mais monumentais da caatinga que eu conheço.



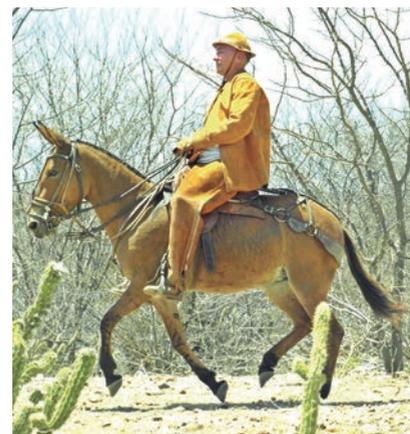


FALTA DE CHUVAS E A FÉ QUE NÃO SE VAI

A falta de chuva dos últimos sete anos, o mau uso dos recursos hídricos e o descaso do setor público fizeram mal ao açude, que encontra-se seco. A fartura das águas do grande mar do sertão da minha infância que comportava 40.000 metros cúbicos de água acabou e hoje o cenário é desolador. A vida na Vila não anda fácil sem a pescaria que era o principal meio de sobrevivência, sem abastecimento de água e com a população de jovens da comunidade em êxodo crescente para as cidades grandes à procura de oportunidades no mercado de trabalho.

Os sertanejos no entanto nunca perdem a fé e ano após

ano continuam pedindo a Nossa Senhora da Guia um inverno chuvoso. O turismo também minguou com a escassez da água, bares em torno do açude fecharam, empreendimentos voltados para o turismo sofrem com o baixo número de visitantes e todos sonham com as chuvas que um dia virão encher o açude. Eu também torço fervorosamente por esse dia, quando a sangria voltará a verter milhares de litros d'água rio abaixo trazendo de volta, as pessoas, os pássaros, o verde, a vida e devolvendo ao açude Gargalheiras, inaugurado em 1959, toda a dignidade e opulência de sempre.



INCLUSÃO

Moda com propósito



Ígria ao lado dos modelos

SERIDOENSE
CHEIA DE
TALENTO, IGUIA
TELITA LIMA
SE DESTACA
NO UNIVERSO
DO DESIGN DE
MODA E COM
ATENÇÃO À
INCLUSÃO

Por Vânia Marinho
Fotos: Divulgação



Uma jovem nascida em Acari, do Seridó potiguar, a 210 km da capital, resolveu que o seu destino era transformar e levou a sério a missão. A hoje estilista Iguia Telita Lima, que sempre se destacou pelas escolhas fora do padrão, trocou os cadernos de desenho da escola pelos estudos na área de moda. O primeiro contato com a área surgiu ainda na pequena cidade de Acari, quando o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) promoveu um curso de design de moda.

Em Natal, Iguia cursou estilismo no Senai e faculdade de Moda, que serviram como base para a construção da carreira que está conquistando o mercado. O premiado filme potiguar “Verde Limão”, do diretor Henrique Arruda, teve figurino assinado por Iguia Telita e por sua mãe Ayug Maria.

Atualmente, a estilista assina as bolsas pochetes e acessórios da BET, marca potiguar desenvolvida em parceria com um amigo e ao lado de amigos da faculdade está construindo o coletivo Ruma.



Iguia assina, ao lado da mãe, figurino do filme Verde Limão

O GRANDE DIFERENCIAL

Cheia de garra, confiante no diferencial do seu trabalho, Igua decidiu colocar os seus looks na nona edição do Concurso Moda Inclusiva, realizado em São Paulo, e ficou na segunda colocação, motivo de sobra para comemorar e incentivo para participar da décima edição.

Sobre os projetos para roupas inclusivas, a estilista afirma que o que é tido como diferente para

muitos, para ela é corriqueiro, seguir o barco que defende. Afirma ainda que procura criar uma moda contemporânea e autoral para todos os corpos, tentando deixar nas peças a marca da sua crença na moda universal, contemporânea para todos os corpos. Baseada no conceito do design universal, cria peças versáteis capazes de se encaixar com harmonia em diferentes tipos de corpos.



A estilista assina as bolsas pochetes e acessórios da BET



A estilista potiguar Igua ficou com o 2º lugar e Robertha Navajas conquistou o 1º e 3º lugares no concurso

SOBRE O CONCURSO

O Concurso Internacional de Moda Inclusiva é uma iniciativa da Secretaria de Estado das Pessoas com Deficiência e tem como objetivo produzir

looks para pessoas com necessidades especiais.

A ideia de tornar o concurso de âmbito internacional surgiu da necessidade de convidar par-

ticipantes de todo o mundo para compartilhar soluções inovadoras que podem contribuir para o bem estar e qualidade de vida das pessoas com deficiência.

ANUNCIO SEBRAE



VÂNIA MARINHO

marinhovania@hotmail.com

Pé no chão

Ótima aposta de calçados e acessórios femininos, a Petite Jolie se firma no mercado e lança para esta temporada de verão a coleção DayDream. Os tons vibrantes característicos da marca aportam na temporada de forma intensa, com direito a glitter até durante o dia. A peça-chave para o toque fun da coleção. O J-lastic, matéria-prima exclusiva da marca, ora com acabamento brilhoso, ora fosco, segue com força nesta temporada.



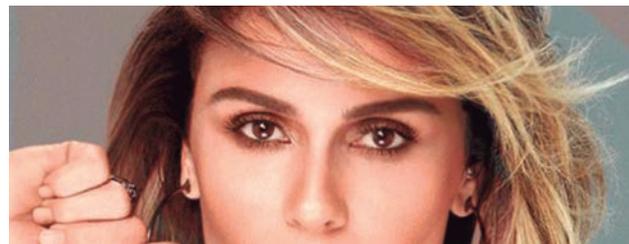
PARA TODOS

A grife potiguar Avohai lançou proposta à prefeitura de incrementar o centro da cidade. O projeto Viva o Centro reúne empresários e instituições que pretendem articular ações para que a população volte a ter um olhar diferenciado para o bairro, reforçando e difundindo a identidade social e histórica.



SEMPRE LINDA

A Vult, empresa de cosméticos brasileira, participou Beauty Fair 2018, mostrando os lançamentos da marca para esta temporada. O evento marcou também o lançamento da nova campanha "Ser bonita é ser", estrelada pela atriz Giovanna Antonelli.



HIDRATAÇÃO

A L'Occitane au Brésil, marca franco-brasileira do Grupo L'Occitane, estende sua linha de Bacuri nutrição reparadora com dois novos produtos: a manteiga corporal concentrada e o bálsamo

labial. Assim como os demais produtos da linha, as novidades contam com a manteiga de bacuri, elaborada a partir da semente desse fruto proveniente da região amazônica que proporciona reparação da barreira da pele e proteção contra o ressecamento.





DETECÇÃO PRECOCE, A MELHOR ARMA CONTRA O CÂNCER DE MAMA.

Conheça a sua mama

Em frente ao espelho observe suas mamas. Compare e veja se há presença de rugas, ondulações ou mudanças. Em pé, e depois deitada, leve um braço até a cabeça, examine cada uma das mamas com a mão oposta ao braço levantado. Se você identificar alguma deformidade, presença de nódulo (carço) ou qualquer secreção, um médico deverá ser consultado.

UTILIZE ESTES MOVIMENTOS NO AUTOEXAME

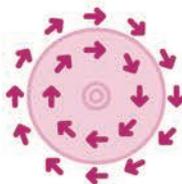
VERTICAL

A mão percorre a mama verticalmente, num movimento para cima e para baixo, cobrindo toda a extensão da mama.



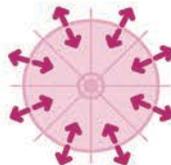
ESPIRAL

Com movimentos concêntricos, a mão parte da periferia da mama até chegar ao mamilo.



QUADRANTES

Num movimento de vai e vem, a mão vai do mamilo até a periferia da mama e retorna ao mamilo.



CENTRAL DE MARCAÇÃO

(84) 4009.5600 (84) 98866.0400

NatalCard
Tecnologia em nosso caminho

**Liga
Contra o
Câncer**



Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br



CONSTRUÇÕES CRIATIVAS

Agradável aos olhos
e ao meio ambiente



CONSTRUÇÕES DE
EDIFÍCIOS MAIS
CRIATIVOS E QUE
CHEGAM ATÉ
A SER PONTOS
TURÍSTICOS SÃO
TENDÊNCIA NAS
GRANDES CIDADES
E A IDEIA COMEÇA A
CHEGAR A NATAL

Fotos: divulgação

A arquitetura é por definição a arte e a técnica de organizar espaços e criar ambientes para abrigar os diversos tipos de atividades humanas. As obras arquitetônicas podem transformar completamente as paisagens, tornar-se patrimônio histórico, bem como colocar uma determinada cidade ou país na rota turística do mundo. O conceito de arquitetura vai muito além de construir edificações residenciais ou comerciais.

A sociedade pós-moderna está em plena transformação, o limiar da construção de um cidadão com sentimento de responsabilidade sobre o seu papel no planeta. A arquitetura vem acompanhando essas mudanças, as pessoas estão mais conscientes sobre o cuidado com os recursos naturais, utilização consciente, reciclagem e a responsabilidade da sociedade civil e das empresas com a preservação do meio ambiente. É nesse movimento mundial que a arquitetura consciente vem ganhando cada vez mais espaço e relevância.

Os empreendimentos, independente do fim que foram projetados, buscam mais que ser moradias ou escritórios. Precisam estar conectados com o local para o qual foram projetados. São edificações que não agridem a visão das pessoas ou a paisagem, mas, ao contrário, buscam

complementar o entorno, trazer mais vida para aquele ambiente. Os edifícios são projetos com o intuito de trazer mais que funcionalidade. As obras passam a integrar a paisagem em harmonia, permitindo assim a interação das pessoas com a obra, com o entorno e com a paisagem, formando um ciclo de vida que se perpetua.

Por meio da técnica, o arquiteto busca transcrever todas as funcionalidades que a sua obra necessita atendendo também nesta etapa às exigências de acessibilidade, segurança e utilização consciente de recursos. A criatividade do arquiteto é o que pode transformar uma edificação em uma obra de arte, trazer vida a ambientes antes inabitados, além de beneficiar todos aqueles que passarão a interagir com a obra após construída.

Um exemplo do conceito de arquitetura com design inovador e sustentável vem sendo desenvolvido pelo arquiteto brasileiro Isay Weinfeld. O edifício 360º, localizado no alto de uma colina no bairro da Lapa, na capital paulista, chama a atenção com fachadas dinâmicas que ostentam cubos assimétricos revestidos de vidros azuis. O empreendimento foi vencedor das categorias residencial e *Overall Winner* (geral) do Prêmio *Future Projects*, da revista inglesa *Architectural Review*, e o profissional é primeiro brasileiro a receber a premiação anual oferecida desde 2002.



FAZER DIFERENTE NO RN

Antenado com as tendências do mercado de arquitetura, trazendo esse conceito de valorização do design aliado à qualidade de vida e sustentabilidade para o Rio Grande do Norte, o arquiteto Juliano Leite, do escritório Queiroz Leite Arquitetura, apresenta o *Square Corporate*. O edifício que estará localizado no coração do bairro de Lagoa Nova traz um novo conceito de empreendimento comercial com design inusitado, inspirado em gavetas de um escritório abrindo e fechando. O empreendimento de cinco andares chama a atenção por apresentar uma volumetria assimétrica com cheios e vazios.

A proposta do edifício comercial traz a possibilidade de conceito aberto e *coworking* nas áreas internas. Outro diferencial do projeto é a cobertura projetada para ser uma área comum, onde será possível trabalhar ao ar livre, realizar reuniões e, claro, fazer uma pausa para um café ou um *drink* e ainda promete ser o lugar ideal para aquele *happy hour*.

A entrada do empreendimento exibe uma passarela que cruza um espelho d'água até à entrada do edifício e ainda conecta-se à praça já existente no local, comunicando-se perfeitamente com o entorno e tornando realidade o conceito de criar espaços que se relacionam entre si e com as pessoas.



Juliano Leite e Isabella Queiroz, da Queiroz Leite Arquitetura

Valorizar a arquitetura com design é tendência mundial que está aliada à responsabilidade ambiental e social. “A arquitetura design é a arquitetura que causa impacto visual, mas ela tem que ter uma preocupação

sustentável e acima de tudo funcional, pois as pessoas precisam estar em primeiro lugar. Proporcionar bem estar e melhor qualidade de vida às pessoas é o que me move”, destaca o arquiteto Juliano Leite.

Paio próximo

Fotos Paulo Lima/Brasília

Com feijoada assinada pelo famoso chef Nilson Favacho, no Minas Hall, o Jornal Correio Braziliense pilotou a 12ª edição do Feijão Solidário. Trata-se de evento beneficente em prol de crianças de até 6 anos de idade e de idosos de que vivem em abrigo do Distrito Federal.



Valdete Drummond, Kátia Kouzak, Aline Ferro



Nazaré Teixeira, Rita Márcia Machado, Kátia Piva Valdete Drummond, Jane Godoy



Hélio Queiroz, Chico Piva, Ivanilde Queiroz, Kátia Piva, Cláudia Galdina e Raul Leão



Carminha Manfredini, Maria Alcimar



Rita Márcia e Francisco Machado



Gislene e Wando Borges



Antônio e André Matias



André Callagri, Lucinha Itapary, Marisa Macedo, Regina Moura



OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com

HAVANA, ohh-na-na... (parte 2)

O guia de Havana continua. Afinal, a cidade “preciosa”, como dizem os cubanos, tem muito para ser contada, das sua coloridas frota de carros e fachadas, passando pela salsa até chegar aos mojitos.



O que comer e beber?

Por causa do embargo de 1959 e pela condição de ilha, a comida em Cuba é simples, sem muitos temperos. Lagostas e camarões aparecem com frequência no cardápio. Come-se muito também porco com molho agri-doce e carne bovina desfiada, que os cubanos chamam de “ropa vieja”. Moros y Cristianos, o prato mais típico, nada mais é que um baião de dois de feijão preto com arroz e cominho.

A bebida oficial cubana é o rum. Com ele, faz-se muitos drinques. Os mais conhecidos, porém, e que são encontrados em cada esquina: mojito e daiquiri.



Onde comer?

É importante saber que os cubanos adoram uma novela brasileira. Por causa disso, muitos restaurantes em Havana se chamam “Paladar” ou “Império”, por causa da novela “Vale Tudo” e do folhetim do comendador, respectivamente. Dois paladares que valem a pena em Havana Vieja: Los Mercaderes, para almoçar como se estivesse nos anos 1920; e La Guarida, num prédio lindo, que foi cenário do filme “Morango e Chocolate” e com um bar nas alturas que tem uma vista de tirar o fôlego.





O que fazer?

A primeira parada é mesmo Havana Vieja. É lá que está a Havana dos postais e dos filmes. Fachadas e carros antigos se entrosam como se posassem para fotos. Muita gente, muita música. O tour básico, a pé, inclui as quatro praças principais: a de Armas, a da Catedral, a Vieja e a de São Francisco de Assis. No bairro, também estão os bares Floridita e La Bodeguita del Medio, onde Ernest Hemingway tomava um daiquiri e um mojito, respectivamente. Paradas obrigatórias.

Perto de lá estão o Gran Hotel Manzana Kempinski e sua vista sensacional da cidade e o Congresso, inspirado (creia!) no Capitólio norte-americano. O Parque Central, entre os dois locais, é ponto de encontro de conversíveis de cores extravagantes e de partida para boas caminhadas. Uma delas pelo Paseo de Martí, uma das ruas mais havanesas de Havana. Atrás do Congresso, mesmo desativada, a fábrica de charuto Partagás merece uma visita. Também é do Parque Central, em frente ao Hotel Inglaterra, que saem os ônibus para as chamadas Praias do Leste. Trata-se de uma ótima opção para quem não tem muito tempo em Cuba, mas não quer deixar de nadar no azul caribenho, que Havana, diga-se, desconhece. São apenas 5 pesos cubanos (R\$ 20) pela ida e volta, 30 minutos de viagem. Em Tropicoco, espreguiçadeiras sobre a areia branquinha do Caribe esperam você para um dia de sol e mar.

Uma programação bem “turistão”, mas que vale a pena é dar uma volta na cidade a bordo de um dos carros antigos. Paga-se 35 pesos cubanos (R\$ 140) por uma hora de passeio. É possível ver o pitoresco bairro chinês, parar

na famosa Praça da Revolução e, se for no final da tarde, apreciar o pôr do sol rente ao Malecón, mureta de pedra à beira-mar imortalizada em muitas músicas cubanas. Peça para o motorista passar pela Avenida Paseo, onde as fachadas estão com as suas candy colors em dia.

À noite, o lugar onde cubanos e turistas se encontram é na Fábrica de Arte Cubano. Uma fábrica desativada que virou alguma coisa entre galeria de arte e casa noturna. O lugar só abre de quinta a domingo e oferece boa comida e música em meio a obras dos melhores artistas modernos cubanos. Tão pitoresco quanto a própria cidade.



Poder de justiça

Fotos Paulo Lima/Brasília

Em noite prestigiada pelo mundo jurídico, cerca de 600 pessoas se reuniram no espaço Recanto das Águas, em Brasília, para celebrar a posse dos ministros João Otávio de Noronha e Maria Thereza de Assis Moura na presidência e vice do Superior Tribunal de Justiça (STJ), respectivamente. Jantar pilotado pela Associação dos Magistrados do Brasil.



Advogado Estenio Campelo, ministros João Otávio de Noronha e Carlos Alberto Marques e o advogado Guilherme Campelo



José e ministra Laurita Vaz



Ariadna e Marcelo Navarro Ribeiro Dantas, ministro do STJ



Ministro Tarcísio de Carvalho, Ludmila de Carvalho e a ministra Maria Thereza Moura



Ministro Cláudio Santos e Eliene Bastos



Ministro Mauro Campbell e Lúcia



Santina Maria e o ministro Benedito Gonçalves, Juliane e ministro Jorge Mussi



Presidente da Associação do Magistrados do Brasil, Jayme Oliveira entre os advogados Estenio e Guilherme Campelo



Ministro Luís Roberto Barroso, Tereza e Luna Barroso



Ministro Ricardo Lewandowski e Yara



Casal Adriana e Luiz Alberto Gurgel de Faria, ministro do STJ



Sandra Krieger, Luciana Nepomucena



Ministro Admar Gonzaga e Analice Quhn



Fábio Ulhoa, Gustavo Tepedin, ministro Luiz Felipe e Ana Frazão



Advogado Estenio Campelo, Genoveva e o ministro José Coelho Ferreira



Generel Romeu Bastos, ministra Elizabeth Rocha, Helga Jucá



Ministros Raul Araújo, Humberto Martins



Jordana, ministro João Otávio, Denimar e Ana Carolina de Noronha



Cristiane Podgurski, Júlio César, ministra Assusete Magalhães, Ana Carolina Chagas, Ana Carolina Magalhães



**PAULO HENRIQUE
NURMBERGER NUNES**
Broker e Consultor Imobiliário da
RE/MAX Top em Natal (RN), formado
e pós-graduado em Comércio Exterior

Por que Portugal atrai cada vez mais brasileiros?

Portugal tem sido a saída de muitos brasileiros em busca de fugir da crise econômica, financeira, política e moral que assola o nosso país há alguns anos. Essa debandada tem despertado a curiosidade de analistas sociais, afinal, o que tem de tão atrativo em terras lusitanas para fazer essa gente deixar o Brasil? Atualmente são cerca de 80 mil brasileiros morando em Portugal, segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), órgão responsável pelo controle de imigração português. Mas esse número deve ser ainda bem maior porque muitos brasileiros com passaporte europeu ou que estão irregularmente no país irmão, não são contabilizados nas estatísticas.

Não há mistério. Quem vai viver, morar ou investir em Portugal, está em busca de segurança, do direito básico de ir e vir nas ruas sem medo. Além disso, o governo facilita a entrada de pessoas com mão-de-obra qualificada e fluência na língua portuguesa para trabalhos específicos, e outro detalhe importante, há a possibilidade de se ter uma vida melhor lá com menos dinheiro, três mil euros são suficientes para um casal viver bem. Então quem tem se programado para ir embora não são só aposentados, ao contrário, em sua maioria, são pessoas da classe economicamente ativa, na faixa de 35 a 60 anos, como empresários, professores, médicos, advogados, arquitetos e engenheiros que querem trabalhar. As cida-

des mais procuradas por esse público têm sido Lisboa, Cascais, Estoril e o norte de Portugal, onde estão municípios bem conhecidos, como Braga e Aveiro.

Esse comportamento do brasileiro, de ter Portugal como saída da crise independentemente dos desafios que qualquer mudança de território implica, tem agitado alguns mercados, como o imobiliário. De olho nesse público potencial, a multinacional RE/MAX de Portugal, por exemplo, está em sua terceira edição do evento “Viver, Morar e Investir em Portugal”. Com uma carteira de imóveis exclusivos para a venda em todas as regiões portuguesas, a imobiliária traz uma experiente equipe de corretores campeões em vendas acompanhados de advogado especialista em imigração e gestores em tributos e finanças para rodar os Estados. Os participantes, selecionados a partir de um formulário preenchido e enviado previamente para a empresa, têm a oportunidade de tirar todas as dúvidas e com seu imóvel garantido em Portugal.

O modelo de negócio tem dado certo, o resultado é uma gama de imóveis vendidos para brasileiros a partir de uma empresa séria, que está há 45 anos no mercado. A RE/MAX é a maior rede de franquia imobiliária do mundo, presente em 105 países sendo 180 lojas no Brasil, cinco delas no RN, como é o caso da minha empresa, a RE/MAX Top, instalada na Av. Prudente de Moraes, no Tirol, em Natal.

LEGAL É

REGULARIZAR

PARCELAMENTO DA TAXA EM ATÉ 24X

DESCONTOS DE ATÉ 85% PARA PEDIDOS FEITOS ATÉ 11/12/18*

AGORA É LEI: FICOU FÁCIL REGULARIZAR SEU IMÓVEL.

A NOVA LEI 175/2018 VAI FACILITAR COMO NUNCA A REGULARIZAÇÃO DO SEU IMÓVEL CONSTRUÍDO OU EM FASE FINAL DE ACABAMENTO. AS FACILIDADES VÃO DO PARCELAMENTO EM ATÉ 24X ATÉ OS DESCONTOS PARA QUEM PROTOCOLAR O PEDIDO ATÉ 11/12/18*. COM A REGULARIZAÇÃO, SEU IMÓVEL FICA LIBERADO PARA VENDA OU FINANCIAMENTO. CONFIRA AS FACILIDADES E APROVEITE. LEGAL É REGULARIZAR.

PROCURE A SEMURB OU ACESSE www.natal.rn.gov.br

E SAIBA MAIS

AV. BERNARDO VIEIRA, 4665 | TIROL - 84 3616.9829

*Após este período até o prazo final de validade da lei permanecem apenas os descontos previsto no art. 13 da lei. Os descontos serão concedidos em função do data de protocolo do processo, inexistência de processos de fiscalização e área total do imóvel (quando se tratar de residência unifamiliar).



PREFEITURA DO
NATAL
A NOSSA CIDADE



Juntos

contra o câncer de mama.

A gente também está no Outubro Rosa para prevenir e apoiar as mulheres.

O Outubro Rosa é um movimento que conta com a força da cooperação entre todos. Uma causa nobre que merece nossa participação e nosso apoio.

Confira algumas dicas para prevenir o câncer de mama e compartilhe esta informação.



Aprenda a fazer o autocuidado na sua casa e realize uma vez por mês. Se você tem mais de 40 anos, faça o exame de mamografia uma vez por ano. Quanto antes diagnosticar, maiores as chances de cura.